

TOPÔNIMOS INDÍGENAS DA AMÉRICA DO SUL
E DAS ANTILHAS (*)

Nils M. Holmer

(*) Tradução, revisão e notas do Prof. Dr. Erasmo D'Almeida Magalhães, do Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Membro do Conselho Administrativo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

SUMMARY

The Latin American toponomy, specially the one of indian origin, should have a better scientific approach, for a very few works on the subject can be taken seriously in consideration.

Infortunately, careful analyses and descriptions, with rare exceptions, have not been achieved through the studies of North American, Mexican and European linguists and philologists.

These facts, if nothing else, makes the study of Nils Holmer, who has been studying the toponomy of autochthon origin in its specific aspects or as whole, of great importance.

His study is a global study of that geonomastic, where special attention has been given to the Tupi-Guarani, to the Kechua, Chibcha, Aruak and to the Karib.

The author didn't study only the etymology of the toponomy or the analyses of the morphemes but, above all, studied the names as part of a whole Culture.

NOTA EXPLICATIVA

A toponímia latino-americana de origem indígena tem recebido, de há muito, sério tratamento por parte de estudiosos vinculados às mais diversas disciplinas (Filologia, Linguística, História, Geografia, etc.). Porém, em sua maior parte, os estudos e pesquisas têm-se dirigido a determinados grupos de onomásticos, sendo diminuto o número de trabalhos publicados que dizem respeito à Toponomástica indígena tomada em seu todo.

Nils Holmer, Professor do Setor de Letras da Universidade de Upsala (Suécia), tem dedicado especial atenção à nomenclatura geográfica nativa do continente americano e sobre o tema publicou muitos escritos.

O leitor bem poderá avaliar a importância das investigações do "scholar" sueco, através da leitura deste seu alentado artigo, publicado em *Names*, órgão da American Name Society, em seus volumes VIII (n.ºs 3 e 4, 1960) e IX (n.º 1, 1961).

Erasmus D'Almeida Magalhães

TOPÔNIMOS INDÍGENAS DA AMÉRICA DO SUL E DAS ANTILHAS

Nils M. Holmer

Uma vista d'olhos pelo mapa da América do Sul nos mostra que praticamente a metade dos topônimos assinalados — depende muito da escala da carta e do tipo do mapa (físico, político, comercial, viário, etc.) — são de origem européia, mormente espanhola ou portuguesa, com o restante representando a mais variada amostragem de nomes diríamos exóticos, muitos dos quais dão a impressão de serem corruptelas de uma nomenclatura indígena. O caráter variegado dos topônimos indígenas da América do Sul não deve ser creditado apenas à corrupção das palavras (como sabemos, a maioria dos topônimos é escrita segundo a ortografia espanhola, embora parte deles — principalmente os do Brasil — sejam escritos de acordo com a ortografia portuguesa) (1), mas também ao fato das línguas, das quais são derivados, serem extremamente numerosas, além de excessivamente heterogêneas: na primeira edição de *Les Langues du Monde* (2), o número de famílias linguísticas da América do Sul e das Antilhas é indicado como sendo de setenta e sete, enquanto que o número de línguas é consideravelmente maior. Podemos afirmar que a nomenclatura nativa é conservada em uma extensão muito maior na América do Sul do que na América do Norte. Em parte devido ao fato de as tribos indígenas serem ainda mais numerosas do que no continente norte, muitas delas alcançaram uma posição semi-oficial (como no Peru, na

(1) N. T. — Exemplo expressivo é a representação gráfica da semi-vogal "y" do Tupinambá. Sua grafia, encontrada em diferentes autores (Anchieta, H. Staden, J. de Léry, L. Figueira, etc.), é muito variada: e, hi, hy, i, i ig, oh, ü, u, etc. Leia-se a respeito: Drumond, Carlos — *Notas gerais sobre a ocorrência da partícula tyb, do tupi-guarani, na Toponímia brasileira*, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1944, Boletim XLVI (Etnografia e Língua Tupi-guarani, n.º 5), págs. 57-76.

(2) Sob a direção de A. Meillet e M. Cohen. Paris, Société de Linguistique de Paris, 1924. De especial interesse é o estudo de Paul Rivet, *"Langues américaines"*, págs. 597-712.

Bolívia e no Paraguai) e, pelo menos em um caso (o do Chile), podemos notar uma bem sucedida fusão dos elementos nativos e europeus, na medida em que a forte raça dos araucanos contribuiu de modo favorável para a formação da nação chilena. Dentre os povos historicamente importantes da América do Sul, temos de destacar, em primeiro lugar, os Kechua — fundadores do Império Inca — cujo antigo domínio cultural na região andina, e muito além, deixou inconfundíveis vestígios na toponímia. No interior do continente, penetrado pelos europeus apenas por etapas, prevalecem os nomes indígenas, especialmente na designação de rios e montanhas, sendo facilmente reconhecíveis como de origem Chibchan, Karib, Aruak, Guarani e Tupi (3) embora, como demonstraremos posteriormente, estejam em alguns casos estranhamente modificados de modo que chegam a sugerir uma origem espanhola ou portuguesa (Pocopoco, uma localidade da Bolívia, Rio Paratudo — este último lembrando o nome luso-brasileiro de uma planta). Alguns desses nomes (por exemplo, Gatico e Cobija, localidades situadas ao norte de Antofagasta, no Chile; há outra Cobija na Bolívia) podem ser traduções de nomes indígenas; "Jericoacoara" — cuja ortografia oficial agora é Jericoaquara ou Jeriquaquara — nome de um lugarejo e cabo na costa atlântica do Brasil (Ceará), embora lembre um lugar da Palestina, é de origem tupi (4); Samborombon (nome de

um de um rio e baía na província de Buenos Aires), cuja primeira sílaba poderia sugerir o nome de algum santo esquecido, é indubitavelmente de origem nativa, embora a tribo de índios que assim denominou tais acidentes não possa agora ser identificada.

Apesar de o número de línguas nativas ainda faladas na América do Sul ser surpreendentemente grande e de se poder encontrar no mapa nomes derivados da maioria dessas línguas, notamos, contudo, que muitos desses nomes se enquadram em padrões fonéticos definidos: na verdade, logo nos demos conta da circunstância de que a maioria dos nomes nativos da América do Sul pertencem ou ao tipo Kechua (nomes derivados de Aymara, por exemplo, são geralmente difíceis de se distinguir dos de origem Kechua) especialmente na parte ocidental do continente, ou então ao tipo Tupi-guarani, mormente nas regiões orientais. Nomes pertencentes a um outro desses dois grupos são encontrados em grande extensão. Eles cobrem toda a área ao sul do equador, até trinta e cinco graus de latitude, passando a linha divisória junto às encostas orientais dos Andes (5). Nesta relação, não consideramos, é claro, nomes como Ayacucho, encontrado na província de Buenos Aires (Argentina), que se assemelha de modo notável ao Ayacucho do Peru, com o qual pode não ter nenhuma relação (provavelmente esse nome foi importado ou talvez seja uma corruptela de um nome de uma das línguas dos pampas). Por toda a América do Sul são encontra-

(3) Sobre áreas lingüísticas indígenas o leitor poderá consultar, entre outros: COROMINAS, Juan — "Toponomástica cuyana", *Tópica hespérica*, vol. I, p. 120-156. Madrid, Edit. Gedor, 1971; CADOGAN, Leon — *Apuntas de toponímia hispanoguarani*. Assunción, 1959. 51 p.; CARDOSO, Armando Levy — *Toponímia brasileira*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1961. 476 p.; DRUMOND, Carlos — *Contribuição do Bororo à Toponímia brasileira*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros (U.S.P.), 1965. 134 p.; FIDALGO, A. — *Breves toponímia y vocabularios jujeños*. Buenos Aires, 1965. 60 p.; HOLMER, N. M. — *The indian place names in Mexico and Central America*. Copenhagen, 1964. 49 p. (Essays and Studies on American Language and Literature, 16); MARTIN, E. H. — *Notas sobre el cacán en la toponímia del Noroeste argentino*. Buenos Aires, Universidade de Buenos Aires (Centro de Estudios Lingüísticos), 1964. 46 p.; MEZZERA, B. L. — *El mundo antillano*. Montevideo, Artes Gráficas Covadonga, 1964, 31 p. (Vocabulario indiano — VIII); MOSONYL, Antonio Esteban et alii — *Toponímia Baniva*, *Boletín Indigenista Venezolano*, Caracas, X (1-4): 169-192, 1966; PÉREZ, T.A.R. — *Contribución al conocimiento de la prehistoria de los pueblos del norte del territorio de la República del Ecuador*, *Llacta*, Quito, III (5-6): 299-391, 1958; SAMPAIO, Theodoro — *O tupi na geografia nacional*, Salvador, 1955. VULENTIN, Alberto — *La pampa: grafías y etimologías toponímicas aborígenes*. Buenos Aires, Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1972, 222 págs.

(4) Teodoro Sampaio, p. cit., p. 237, registra: Jericoaquara, corrup. yurucuá-quara, o buraco ou refúgio das tartarugas. V. Jurucuá, Jurucuá. Alt. Jericoá, Jeriquá.

(5) O mais setentrional dos nomes importantes de origem Kechua talvez seja o da montanha Cotacachi (cerca de cinquenta milhas ao norte de Quito) ou mesmo o Lago Cocca, na Colômbia meridional; o mais meridional, possivelmente, é Uspallata, nome de uma montanha e de uma localidade na mesma latitude que Valparaíso, no Chile, ao passo que o nome mais oriental, de indiscutível origem Kechua, deve ser Atamisqui, cidade da província argentina de Santiago del Estero. Na metade oriental do continente encontramos típicas formas Tupi-Guarani, como Urubuquara (nome de rio e pântano perto do estuário do Amazonas) e ao norte do Equador, nomes de rios como Guruapanema, Cuminapanema. Os nomes guaranis mais meridionais devem ser procurados no Uruguai (nome também de origem Tupi-Guarani) ou em Entre Rios, na Argentina. Bem ao pé dos Andes há rios com nomes como Jurumirim e a sudeste da Colômbia (Amazonas), nomes como Cara Paraná e Iagara Paraná, que mostram o avanço dos Grupos Tupi-Guarani para o oeste. N. T. — Para bem visualizar a distribuição dos grupos indígenas consulte-se: M C Q U O W N, Norman A. — *Los lenguajes indígenas de América Latina*, *Revista Interamericana de Ciencias Sociales*, Washington, vol. 1 (1): 37-207, 1961; SORENSSEN, Arthur P. — "Multilingualism in the northwest amazon", *American Anthropologist*, Washington, 69:670-684, 1967; TOVAR, Antonio — *Catálogo de las lenguas de América del Sur*. Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1961, 405 p.

dos nomes até de origem basca, trazendo um aspecto bastante enigmático para os não especialistas (e.g., Necochea, importante porto de mar e estância marítima na província de Buenos Aires; incidentalmente, há outro lugar com esse nome na província argentina de Córdoba). Tais nomes testemunham a penetração de colônias bascas na América do Sul e uma influência cultural somente igualadas pelas dos celtas na América do Norte. Daí a freqüência de Mackenzie e outros geonômicos, celebrando e immortalizando os primeiros viajantes e colonizadores escoceses, ainda encontrados na toponímia oficial.

Ao norte do Equador, até a fronteira da América Central, incluindo as Antilhas, encontramos uma toponímia mais heterogênea, na qual, contudo, prevalecem elementos Arawak e Karib, com uma pequena intromissão de nomes Chibchan a noroeste, principalmente na Colômbia⁽⁶⁾. Na parte meridional do continente, os nomes também têm origens várias; entretanto, ao longo do Pacífico, muitos pertencem à língua da grande nação araucana, e, sem dúvida, alguns poucos do interior e ao longo da costa leste, à língua de outro grupo de indígenas, ainda que menos importante os tehuelches (ou patagônios: incidentalmente, no presente estudo, não nos ocupamos de nomes tehuelche).

Não há dúvida de que os nomes dados pelos índios a rios, montanhas, lagos, florestas e planícies, etc., são muito monótonos no que diz respeito ao seu significado especialmente se formos traduzi-los para o inglês ou o espanhol⁽⁷⁾. Neste caso, prevalecem as mesmas tendências que encontramos na América do Norte, como, aliás, em toda parte do mundo (sem excetuar a Europa), isto é: essas designações, que correspondem aos nossos topônimos, não variam na mesma proporção que estes, devido ao fato de os indígenas (como povo, em geral, em estágios iniciais) não terem ainda desenvolvido nenhum sentido de toponímia, e nem tinham neces-

sidade alguma disso⁽⁸⁾. Por certo, entre eles, as comunicações em nenhum lugar floresceram de tal modo que exigissem uma exata identificação de lugares muito distantes. Em nossos dias, em que viajamos regularmente por terra, pela água e pelo ar, não podemos mais imaginar um estado de coisas no qual qualquer lugar para onde queiramos ir, qualquer aeroporto, por exemplo, não tenha uma designação oficial, que impossibilite enganos ou imprecisões em relação a nosso destino. Para os índios, contudo, acostumados a viajar ao longo de determinado rio ou de seus afluentes (para pescar) ou a subir determinadas montanhas (para caçar), era de fato mais importante especificar com que finalidade ele aí estava, se em seu próprio rio ou se na encosta de sua montanha; os rios e as montanhas em si eram do conhecimento de todos. Quanto a outros rios, o índio, simplesmente, não se interessava por eles, a não ser que estivesse em guerra; um rio estranho era, muito provavelmente, propriedade de outra tribo, com a qual ele não mantinha comunicações normais. Assim, se referia "ao rio", "à montanha", "à aldeia", "à planície coberta de bosques" (ao chaco, que também quer dizer "caça"), etc. com a importante diferença, porém, em relação às condições simplificadas mencionadas acima, de que nas diversas designações nativas a natureza dos locais é descrita com muitos maiores detalhes, com uma terminologia especial, comum na língua desses povos, que vivem em contacto muito mais íntimo com a natureza. Traduzindo todo tipo de "águas" ou "rios" apenas por "rio" e todos os tipos de "montanhas", apenas por "montanha", etc., conseguiríamos designações do tipo "o rio" — ou, nos casos em que os afluentes fossem muito percorridos —

(6) N. T. — Sobre o Kechua na área focalizada poder-se-á ler: Vicente Quesada — Apuntas sobre el origen de la lengua quichua en Santiago del Estero, *La Revista de Buenos Aires*, Buenos Aires, ano I (5): 1-24, 1863, e Domingo A. Bravo — *El quichua santiagueño*. Tucuman, Universidad Nacional de Tucuman, 1956.

(7) Muitos nomes espanhóis e portugueses da América do Sul constituem, sem dúvida, traduções de termos indígenas: um Rio Tigre, por exemplo, corresponde quase que exatamente a Yaguary ou Jaguari, etc., cf. mais adiante.

(8) Cf., do autor, *Indian Place Names in North America*, p. 11 e seg. N. T. — O autor incorre em erro, elaborando, inclusive, juízo de valor. Estranha é a afirmação do linguista sueco, tão dedicado aos estudos de toponímia indígena americana, sobre a denominação de lugares por parte dos aborígenes. Tal concepção errônea, foi infelizmente encampada pelo grande filólogo e linguista Antonio Tovar em seu estudo *Los nombres de lugar en la América de colonización española e portuguesa*. *Onoma*, XIII(2-3): 244-259, 1968. Melhor seria que Nils Holmer afirmasse que a toponímia bem pode refletir a característica fundamental da cultura de um determinado grupo humano e não ser a projeção de "estágio cultural", como propõe. Para orientação do leitor indicamos alguns trabalhos que podem dizer melhor da concepção errônea do articulista. BOAS, Franz — On geographical names of the Kwakiutl Indian, *Language in culture and language*, p. 171-181. Dell Hymes (ed.) New York, Harper e Row, 1966; DRUMOND, Carlos — Op. cit. e Caracterização de aspectos da cultura do Bororo através da língua, *Idiomas, cosmovisiones y cultura*, p. 55-62. Rosario, Instituto de Antropologia, 1968; WONDERLY, William — Zoque place-names, *International Journal of American Linguistics*, 12: 217-288, 1946.

"o grande rio", "a própria montanha", etc. Para os indígenas, esses nomes eram apelativos ou substantivos comuns. Nós somos inclinados a entendê-los como nomes de lugar e a transformá-los, com o passar do tempo, em nomes geográficos oficiais (9).

A consequência natural desse estado de coisas seria que um número imenso de nomes teria uma só tradução: "O Grande Rio", "a montanha do Tigre", etc. A situação seria mais ou menos a mesma que a encontrada na Australásia, onde deparamos com nomes tais como Anuda (Anouda ou Ilha da Cereja, ao nordeste das Novas Hébridas), Yanutha (nas ilhas Fiji), Yanuta (uma pequena ilha de San Cristobal) ou Anute, nome nativo da ilha de Flórida (ambas no arquipélago das ilhas Salomão), nomes que, na essência, significam o mesmo que a palavra javanesa ou maláia nusa (nuswa, nungsa) "ilha", ou a que encontramos no caso das inumeráveis Newtons (Newtons), Neuvilles, Villanovas (Villa Novas), etc., da Europa, que significam simplesmente "cidade nova". É verdade que nomes de rios como Paraná, Pará, Paraguá, etc., são bastante numerosos na América do Sul (cf. adiante) (10); a maioria deles deriva de dialetos da família tupi-guarani e designam originalmente a idéia de "rio" ou de "mar" (para: quer dizer "mar" em guarani e parana (11) — certamente da mesma raiz — tem significado semelhante em Karib (12).

(9) A respeito leia-se, do autor, *Indian Place Names in North America*, p. 14 e seguintes.

(10) N.T. — Numa análise mais cuidadosa das designações geográficas poder-se-á verificar que *pará* e *paraná* predominam na direção norte e *y* na direção sul.

(11) N. T. — Carlos Drummond afirma que os "tupis, no período colonial, empregavam o vocábulo *paraná* para designar o mar e não como nome genérico para rio. É provável que, como querem Montoya e alguns Tupinólogos, que *paraná* seja decorrente de *pará* e que fosse usado para nomear os grandes cursos d'água. Mas o uso específico de *pará* como designativo de mar, parece-nos como bastante discutível. É possível que tal nome ocorresse entre os antigos guaranis, mas não sucedia o mesmo entre os tupis, e não se fixou no guarani atual". "Pará e paranã", *O Estado de São Paulo*, 6-1958.

(12) Essa raiz de palavras ameríndias (originalmente — *pala*) é usada em muitas línguas da América do Sul para designar 'água não potável'; em Kechua, língua na qual ela tem a forma *para*, quer dizer 'chuva'. A interpretação de *parana* como derivado do guarani com o significado de 'parente do mar' (cf. no tupi *se anama* — minha família ou meus parentes, etc.) é por certo, errônea; nos dialetos tupis, e.g., no tembe, a palavra *parana* é usada no sentido de "mar" (como acontece no Karibe). N.T. — Max Boudin registra para Tembe: Para-rio grande, mar. *Dicionário de Tupi moderno*, p. 182. Presid. Prudente, F.F.C.L., 1966.

Se a aparente monotonia dos topônimos é de algum modo mitigada e disfarçada pela variedade da língua, todavia ela reaparece na tradução dos mesmos para o inglês. Contudo, precisamos chamar uma vez mais a atenção do leitor para o fato de que a tradução exata dos nomes indígenas (ou, em muitos casos, mesmo de palavras comuns) é tarefa difícil e, com relação às palavras que vamos estudar adiante, na melhor das hipóteses, aproximada.

Entre os "rios grandes" (ou "grandes águas"), sem falar nos Rios Grandes (13) que, em muitos casos, representam sem dúvida a tradução de um nome nativo (14), podemos mencionar os seguintes: o Paraguacu na Bahia (15); o Paranayuba (afluente do Xingu, em Mato Grosso); o Iguassu (em espanhol Iguazú e em português agora Iguazu, afluente do Paraná, que marca, parcialmente, a divisa entre a Argentina e o Brasil, formando a famosa queda de igual nome, perto de sua junção com o Paraná); podemos citar também aqui o Rio Açu ("o grande rio" em tupi), nome do curso inferior do rio das Piranhas, no Rio Grande do Norte, nesse caso apresentando uma mistura de português e de tupi.

No lado oeste da América do Sul, isto é, ao largo da costa do Pacífico e especialmente dentro da área onde outrora prevalecera a civilização Kechua, essa forma de toponímia não parece constituir regra; pelo menos, não temos nenhum "rio grande ou água grande" de importância nessa região (16). De fato, os nomes nesses lugares parecem ser de um tipo diferente, sob muitos pontos de vista, um tipo que resulta numa maior variação. Parece que exis-

(13) O *Times Gazetteer of the World* registra, só na América do Sul, três, mas esse número é, na verdade, muito maior.

(14) Um Rio Grande (afluente do Mamoré, na Bolívia) é também chamado de Guapay, em língua que não podemos identificar, e os nomes Altos de Paraná e Morro do Pará (o primeiro dos quais designa zona montanhosa acima do rio São Francisco) fazem-nos supor que o rio São Francisco foi em certa época conhecido pelos índios como 'Pará' ou 'Paraná' ('rio' ou 'mar'); note-se também que Paramirim ('o pequeno Pará') é o nome de um dos afluentes do São Francisco, no Estado da Bahia. — Depois que escreveu esta nota, o autor viu sua suposição confirmada: o São Francisco de fato, era designado inicialmente pelos portugueses pelo nome de *O Paraná*.

(15) De acordo com a tradição, esse também era o nome da filha de um chefe tupinambá, casada com um português, Diogo Álvares Correia, apelidado pelos índios de *Caramuru*, nome também de um conhecido poema do brasileiro Santa Rita Durão.

(16) A não ser que Lebu, nome de rio e de uma localidade da costa ao sul de La Concepción, no Chile — represente — o que é muito provável — o vocábulo araucano *leufu*, 'rio'. Podemos também mencionar o Lago Cocha, nome de um pequeno lago perto de Pasto, no sul da Colômbia, que não é nada mais do que a palavra quíchua *kocha* 'lago'.

tia no Império Inca um sentido mais evoluído a respeito da importância dos nomes de lugar. Os nomes de lugar são tipicamente compostos, lembrando os que encontramos na Oceania, com a ressalva de que o nome Kechua possui, frequentemente, um elemento determinativo (quando é substantivo) antes da parte determinada (como no inglês "Ashdown", etc., ao contrário do céltico "Benmore", etc., e este representa o tipo que prevalece na Oceania). A mesma ordem dos elementos usada pelo Kechua é encontrada nos nomes de origem araucana.

Em toda a parte leste da América do Sul — principalmente no Brasil —, onde prevalecem nomes do tipo tupi-guarani, temos (como foi mencionado à guisa de introdução) um número imenso de nomes de rios que contém o elemento para — ou parana —, cujo significado — em nossa opinião — é mais ou menos o mesmo em todos os casos (17). A enumeração que daremos a seguir dará uma idéia a respeito de sua distribuição: Pará (nome do estuário do Tocantins e também antigo nome de Belém); Pará (vila à margem de um pequeno rio em Santa Catarina); Paraná (rio da Venezuela, afluente do Caroni); Paraná (tributário do Tocantins, em Goiás); Paraná (um dos mais largos rios da América do Sul, além de nome da capital da província argentina de Entre Rios e nome de um Estado do Brasil); Paragua (nome de um rio da Venezuela e de um afluente do Guaporé na Bolívia); Paranaguá (nome de um lago e de uma cidade do Estado do Piauí); Paranaguá (uma baía no Brasil); Paraíba (Paraíba; nome de vários rios do Brasil), Paraíba do Sul (rio do Rio de Janeiro); Parnahyba (Parnaíba; rio que separa o Maranhão do Piauí); Parnahyba (Parnaíba, afluente do Paraná, formando limite entre Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso); Paranagua (rio da Venezuela); Paramaribo (18) (cidade costeira e à margem do Surinam, na Guiana Holandesa); Paraná-Pixuna ("Rio Negro", afluente do Purus e nome de uma localidade às margens desse rio, no Amazonas; o Tapajoz também é chamado assim pelos indígenas); Paratari (nome de um rio, de um lago e de uma ilha do Amazonas); Paravari (pequeno rio da bacia Amazônica, no Estado do Amazonas); Paranatinga ("Rio Branco", afluente do alto Tapajoz, no Mato Grosso, cf. Paratinga, "Pará Branco", cidade da Bahia); Paraim (talvez "mar pequeno"; um dos tributários do alto Parnahyba, no Estado do Piauí); Paracatu ("o rio bom", afluente do rio São Francisco, em

(17) Portanto, o nome do rio peruano Paranapura, afluente do Hualaga, tem indubitavelmente outra origem.

(18) N.T. — A inclusão de Paramaribo entre as considerações sobre parana quer nos parecer errônea.

Minas Gerais); Paraúna (pequeno rio de Minas Gerais e nome de outro no Sergipe, além de nome de uma cidade de Goiás); Parati (cidade do Estado do Rio de Janeiro); Parapanema (afluente do Paraná no Estado de São Paulo e limite entre esse Estado e o do Paraná, Brasil; quanto ao significado do último elemento — panema, ver mais adiante); Paracanjuba (pequeno rio ao sul de Goiás); Parapiti ou Parapeti (pequeno rio sem escoadouro, na Bolívia) (19). É bem provável que o nome Pernambuco deva ser considerado como contendo uma variação do elemento parna — (como em Parnahyba, etc.); este nome é um dos mais antigos do Brasil e, evidentemente, sofreu alguma corrupção (até o significado do elemento final continua obscuro; paranambuku "rio comprido" (?) (20).

Entre estes, naturalmente, também figura o Paraguai, o afluente importante do Paraná, do qual também a República do Paraguai deriva seu nome (21). Em alguns desses nomes o elemento parana surge como componente final do nome: Piraparaná ("rio do peixe"), Igaraparaná ("rio de barcas"), Miritiparaná, Avatiparaná ("rio do milho"), Jurucuparaná (de uruku, planta que produz uma tinta vermelha), Jaciparaná ("rio da lua") ou melhor de uma palmeira chamada jaci no português do Brasil, o mesmo que jasy "lua", em guarani), Mutumparaná (de mutum — a forma portuguesa — nome de uma ave galinácea, alguma das quais possuem como característica um grito ventríloquo), todos rios do Amazonas e do Mato Grosso, e, finalmente, o Jiparaná (Giparaná ou Ginaparaná), rio do Território

(19) Contudo, há certa dúvida sobre se esse nome é análogo aos que o precedem: as tribos que vivem nessas regiões são os Zamuko e os Chane, estes atualmente são tidos como Aruak, embora se diga que a influência guarani se faz sensível também aqui.

(20) N.T. — A propósito de Pernambuco, Teodoro Sampaio (op. cit.) escreve: "PERNAMBUCO, corr. *paranã-mbuca*, o furo ou entrada do lagamar; allusão à brecha natural do Recife por onde o lagamar se comunica com o mar. O nome *paranambuca* éra commum na costa do Norte, no trecho della tomado pelos recifes, e o sentido que os índios lhe davam era o de *furo*, *entrada*, *passagem natural aberta na muralha do Recife*. No tupi do Norte, no Nheengatu, *paranambuca* quer dizer — jorro do mar —, allusão à embocadura por onde elle se escapa. Mui acertadamente escreve a propósito o autor do *Castrioto Lusitano*, Frei Raphael de Jesus, ao tratar do Porto de Recife... uma abertura à qual os naturais chamam Pernambuco, que, em sua lingua, é o mesmo que pedra furada ou buraco que fez o mar de que se forma a garganta da barra... "O vocabulo — *paraná* = *pará-nã*, traduz-se semelhante ao mar; é lagamar formado na junção dos rios Capibaribe e Beberibe; é o furo, a aberta, a quebrada."

(21) Para explicação desse nome, veja mais adiante. Originalmente, não há dúvida, esse era o nome do rio; o significado era apenas, parece, 'a água ou rio de Paragua'. Cf. Nota 26.

do Guaporé. Quando se trata de rios menores ou de tributários de um rio maior, seus nomes costumam terminar em — mirim (sufixo diminutivo, "pequeno"), como em: Paramirim (afluente do rio São Francisco, com o mesmo sentido de Parazinho, nome de uma pequena baía na costa do Ceará) Outros nomes semelhantes a este são: Juruamirim ("pequeno Juruá", no Amazonas); Mamoriamirim ("pequeno Mamoriá" no mesmo Estado, no qual também encontramos um rio Mamoriá Grande; ambos são afluentes do Purus); Canumamirim ("pequeno Canumã, no Amazonas); Juinamirim ("pequeno Juina", no Mato Grosso); Itapucurumirim ("pequeno Itapucuru", nome de uma cidade do Maranhão); Itapemirim ("pequeno Itapé", rio no Espírito Santo); Mogi-Mirim (cidade no Estado de São Paulo, onde também encontramos uma localidade menor chamada Mogi-Guaçu "Mogi Grande"; esses nomes são em sua origem nomes de rios); em Igarapé-Miri a forma é — miri (também — Mirim, agora cidade do Pará) e em Araguaymiri (afluente do Paraguai, no território argentino de Formosa; no Paraguai encontramos o rio Araguay Guazú ou "grande Araguay ou rio do espadarte"). Do mesmo modo que encontramos um Rio Açu (veja-se acima), encontramos outros nomes híbridos do tipo Lagoa Mirim ("lagoa pequena", no Rio Grande do Sul), Cayapozinho (Cayaposinho, "pequeno rio Calapó", no Estado brasileiro de Goiás, onde há também um Cayapó Grande), Yavarí Chico ("Yavarí pequeno", afluente peruano do rio Yavarí, que marca o limite entre o Peru e o Brasil até que este deságue no Amazonas); nesses últimos nomes as terminações são tomadas do português e do espanhol, respectivamente.

Entre as palavras para designar "água", "rio" ou "lago" (22), observamos os vocábulos Aruak wini ou uni (originalmente woni; essa palavra também quer dizer "chuva" em alguns dialetos), os vocábulos do Caribe tuna ou — ku (— co, nos vocábulos compostos) "água, rio" e parana "mar" (23), o y guarani "água" e para "mar", o Kechua yacu, mayu "água, rio" e kocha "mar, lago" (24), o vocábulo aymara uma "água" e kota "mar, lago" (mamakota "o mar"), os vocábulos araucanos co e llacu (cf. o Kechua yacu?)

(22) Como se indicou acima, a diferença entre essas palavras nas línguas indígenas é preferivelmente a de água 'potável' e 'não potável'; a maioria dos nomes de rios se incluem na categoria anterior, mas alguns rios grandes são designados como 'mares'.

(23) O adjetivo comum *unu* 'água' (usado em Cuzco) não parece estar rior' (de um rio), (i) *poli* 'riacho ou enseada' (cf. Ahlbrinck, *Encyclopaedie der Karaiben*, p. 31).

(24) O adjetivo comum *unu* 'água' (usado em Cuzco) não parece estar representado na toponímia.

"água", leuvu (leufu) "rio", huapi (quanto ao significado, cf. adiante) e lauquen (lavquen) "mar, lago" (futa lauquen "lago grande" é o nome do "mar", do "oceano") (25).

Todos esses nomes têm uma distribuição geográfica mais ou menos definida. Penetrando na América do Sul pelo noroeste, isto é, pela América Central, vemos que o termo Chibchan -di (-ti) "água, rio", vai sendo gradualmente substituído pelo termo choco -do (-to) nos nomes de rios (26). No interior da Colômbia ainda encontramos o nome Acandí, no golfo de Urabá, significando evidentemente — por analogia com o rio Hacha, mais a este — "rio do machado" (referência aos machados de pedra aí fabricados) (27). Justamente no lado oposto, porém, na costa do Pacífico, encontramos o nome Juradó e outros do tipo Baudó, Quidbó, Docampadó e possivelmente Atrato (28), nome do maior rio dessa área. Os nomes Aruak foram encontrados primeiramente na península de Goajira, que, no entanto, é quase que inteiramente deserta, carecendo de rios e águas de importância. A palavra para significar "mar" na língua goajiro é pala "(cuja pronúncia é quase pará)"; formas semelhantes são encontradas nas outras línguas Aruak da zona costeira até a Guiana. Por conseguinte, é bem possível que alguns dos inúmeros nomes começados por Para — encontrados no nordeste da América do Sul sejam de origem Aruak. Com maior certeza podemos considerar os seguintes nomes de rios como de origem Aruak: o Maroni (escrevia-se Marawini em 1599 e agora, em holandês, Marowijne) (29), que forma o limite entre as Guianas Holan-

(25) Outras designações, em outras línguas, são relativamente sem importância: o vocábulo chibcha *sie* 'água, rio' (cf. *siu* 'lago, chuva') não parece estar representado entre os nomes de rios da Colômbia, embora exista um pequeno rio Xié no lado brasileiro (afluente do alto rio Negro) da fronteira.

(26) Cf. Cuna (Panama) *tii* 'água' e Emeperá (Choco) *to* (mesmo significado).

(27) O nome, como a maioria dos que existem ao longo da costa até Punta de San Blas, no Panamá, é, em sua origem, nome de rio; cf. Henry Wassen, *Contributions to Cuna Ethnography*, p. 67-76.

(28) O sentido desse nome não é, em absoluto, claro, mas o grupo consonantal *-tr-* é típico das línguas Choco. A corruptela do *Atarrado* original (posteriormente identificado com algumas palavras espanholas como *contrato*, *retrato*, etc.), com o sentido de 'rio de galinhas' (alguma ave nativa), seria uma conjectura possível, embora sem muita base.

(29) Os Karib que atualmente moram neste território chamam o rio de *mara'uni*, palavra na qual o elemento final deve representar uma forma alternativa do acima mencionado *wini* 'água' dos Aruak. Ahlbrinck, contudo, na sua *Encyclopaedie*, pensa que esse nome é Karib e fornece uma etimologia (cf., contudo, *o.p. cit.*, p. 170, relativo à possível origem arawak de de certos nomes de rios nesta área).

desa e Francesa; o Commewijne (Kommewijne; em Karib kama'oni), na Guiana Holandesa; o Parcimoni (?), na bacia do Orinoco, ao sul da Venezuela, onde se encontra uma tribo Aruak; o Caroni (afluente importante do Orinoco, na Venezuela, onde agora vivem índios caraíbas); o Mazuruni e o Siparuni, ambos na Guiana Inglesa (cf. o, provavelmente, idêntico Siplaliwini, no Surinam); o Tapahoni, no Surinam; o Cuyani, afluente do Essequibo, na Venezuela e na Guiana Inglesa, onde também há Karib; o Cuyuwini, outro afluente do Essequibo, na Guiana Inglesa, onde ainda vivem índios Aruak (esse nome é, evidentemente, idêntico ao anterior e, talvez, também idêntico a outro Guiani, no Amazonas; kuyo- quer dizer "vazante" em Aruak; Matiwiwini (localidade do Território do Rio Branco, no Brasil, onde se encontra uma população arawak); o Rupununi (outro afluente do Essequibo, onde agora vive uma tribo Karib); o Inabini ou Inauini, pequeno afluente do rio Purus, no Amazonas, (ina quer dizer "fim" em Aruak). É pouco provável que o rio de nome Beni (no norte da Bolívia) represente o equivalente de wini em alguma língua Aruak (cf. Inabini, acima, e o pequeno rio Veni, a oeste do Amazonas). Infelizmente, não podemos dar uma tradução certa do primeiro elemento de qualquer dos nomes de rios agora enumerados, porque o material que temos a respeito das línguas correspondentes é ainda muito escasso e, além do mais, há razões para se suspeitar de uma corrupção radical das formas nativas no caso de muitos dos nomes citados.

Dentre os nomes de rio de origem Karib, devemos citar, em primeiro lugar, os do Orinoco e do Tamanaco (o último, afluente do Unare, na Venezuela), ambos parecendo possuir o elemento final -co, significando "água" (no caraíba da Guiana -ku): Orinoco significaria "rio barrento", muito provavelmente como referência à fabricação de utensílios de olaria (em Karib orino) (30). Quanto ao último nome, ainda não podemos sugerir nenhuma tradução, mas esse nome é, indubitavelmente Karib, pois este grupo à margem des-

(30) O nome Orinoco, talvez, seria então análogo ao de Urabá na Colômbia (cf. S. Henry Wassén, *Some Archaeological Observations from Boquete*, pp. 176, 177). Bastante estranho, não longe desse último lugar, encontramos o território Choco (na Colômbia), atualmente habitat das tribos Emperá e Waunana, chamadas comumente de Choco, palavra que em Emperá quer dizer 'jarro' ou 'tonel'. A forma espanhola desse nome traz o acento *chocó* (como geralmente em palavras de origem indígena); o nome, assim, parece diferente da palavra comumente usada *chocó* 'pequeno polvo' 'pessoa de pele escura', etc. — Neste contexto, também devemos lembrar o topônimo Macasseema, da Guiana Inglesa; cf. o vocábulo Caraíba *maka* 'grande pote de barro' (ver Ahlbrinck, *Encyclopaedie*, pp. 263, 345).

ses rios por muito tempo e esse nome, além do mais, é também o nome da uma tribo Karib (a parte inicial do nome do rio parece repetir-se em Mt. Tamana, em Trinidad, assim como no rio colombiano chamado Tamaná). Os rios Guárico e Sinaruco, na Venezuela ocidental, a julgar por sua terminação, também são da mesma origem. Dos nomes em -tuna ("água, rio"), podemos mencionar especialmente o Urichuna (o -ch — é devido a uma palatização depois do -i, típica das línguas Karib), nome de um afluente do Orinoco na Venezuela; o primeiro elemento (uri-) não é estranho nos nomes de rios em -nam (-nami; como em Wakenaam, Coppenaam., Surinam, Uribante e no Uriman, ambos na Venezuela), mas seu significado nesses casos continua sem solução. Parece que os nomes típicos de rios em -nam (-nami; como em Wakenaam, Coppenaam, Surinam, Abounami, — todos nas Guianas Francesa, Holandesa e Inglesa), apesar de se limitarem quase inteiramente ao território Karib de hoje, não têm a mesma origem (31).

A palavra guarani para "água" é y (escrito de diversos modos e pronunciado aproximadamente como o- mais ou menos como o som dessa vogal em "err" e "her"); nos topônimos convencionou-se escrevê-lo como hy, ou y ou i (a última forma sendo oficializada no Brasil) (32).

Como elemento final em nome de rios, esse y é extremamente comum. Entre os rios assim chamados encontramos: o Jutí (Jutahy, afluente do rio Amazonas) (33); o Itahy, outro tributário do Amazonas (ita quer dizer "pedra" em guarani); o Pirai, nome de diversos rios do Brasil, e.g., um no Rio de Janeiro e um no Paraná, onde também encontramos um Piraisinho ou "Pirai pequeno" (o nome quer dizer, evidentemente, "rio do peixe"); o Ivaí (Ivahy, no Paraná); Apahy (localidade do alto Gurupi, no Pará); o Urussuhy e o Urussuhyassu ou "Urussuhy grande", ambos afluentes do Parnahyba, no Piauí (o elemento inicial, aparentemente, quer dizer galinha, galo em tupi; Piahy (Piauí), nome de rios no Estado do Piauí, — há também a Serra do Piauí — e — o nome lembra py-yau-y "rio dos piaus"; o Bambuhy (Bambuí), afluente do rio São Francisco,

(31) Os Karib chamam os surinam de *surinama*; os Aruak da Guiana, de *sulinama*.

(32) N.T. — Remetemos o leitor ao estudo de Drumond sobre a partícula *tyb* (op. cit.).

(33) Esse nome parece muito comum; perto do estuário do Amazonas, há uma montanha chamada Serra de Jutai, e Jutahy (Jutai) é o nome de uma localidade no rio Abacaxis, no Amazonas, e de uma ilha no estuário do Tocantins (Pará).

em Minas Gerais (a primeira parte desse nome, é, quase certo, de origem portuguesa, identificando-se com o vocábulo português bambu, a taquara ou cana-brava; Pitanguy, cidade do Estado de Minas Gerais (o sentido desse nome é "água vermelha", do guarani pytä, e do tupi pytanga "vermelho"); Guaucuhy (localidade à margem do rio São Francisco, em Minas Gerais); o Curumatahy, pequeno rio de Minas Gerais (cf. Curumatá, no Piauí, e o Curumbatahy, no Paraná); o Jiquitahy, rio de Minas Gerais (de yiquitai, formiga urente); o Pacuhy (há dois rios com esse nome no Estado de Minas Gerais; paku é o nome de várias espécies de peixes de água-doce encontradas nesses rios, prato muito apreciado, mas é também o nome de uma planta euforbiácea); Andarahy (Andaraí), localidade às margens do Paraguay; o Arassuahy (Araçuaí), afluente do Jequitinhonha, em Minas Gerais; encontramos ainda, Itapacorohy e Itajahy (Itajaí), localidades situadas todas na costa de Santa Catarina; Sahy, nome de rio no Rio de Janeiro; o Cahy (Caí), com o sentido de "rio da erva ou do mate", no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil; Taquari, nome de diversos rios, etc., no Brasil, e.g., de dois rios no Estado de Mato Grosso, afluentes do Paraguay (a parte inicial é o nome tupi do bambu brasileiro — cf. acima — em tupi takuar); o Jacuhy (Jacuí, "rio do faisão") no Rio Grande do Sul; o Vacacaí, afluente do Jacuhy, o Pirangi, rio de Pernambuco, existindo outro com o mesmo nome no Ceará, Brasil (nome que evidentemente quer dizer "rio do barro vermelho", cf. Piranga, "barro vermelho", localidade de Minas Gerais); Ibicuy (Ibicuí), nome de um afluente do Uruguay no Rio Grande do Sul e também o de uma localidade na província argentina de Entre Rios (esse nome, sem dúvida, corresponde ao Guarani yvyku'i "areia"; como nome de rio pode significar "rio arenoso"); o Gualaguay, rio de Entre Rios; Acaray, nome de diversos rios, um no Paraguay, outro na Argentina — afluente do Paraná — e um em Minas Gerais, (em Tupi, akará, é o nome de um tipo de linguado de água doce; Jatahy (Jataí), nome de uma localidade no Paraná e de outra em Goiás, Brasil (cf. guarani jata ou jatai, nome de uma palmeira, ou o tupi jatai, nome de um pássaro); Guapehy, localidade à margem de um pequeno afluente do Paranapanema, em São Paulo (34); o Gua-

(34) Cf. este nome com o de Aguapehy, pequeno afluente do Paraguai, no Mato Grosso, no qual a primeira parte parece ser a palavra guarani (e brasileiro-portuguesa) *aguapé*, o nome de uma planta aquática sul-americana de folhas largas, como as da vitória-régia, cf. também a cidade de Guapé, em Minas Gerais (pode-se pensar que a vogal inicial da forma guarani foi tomada como a preposição ou artigo português *a*, por isso ocasionalmente omitida).

rahy Guazú, afluente do Paraná, no Paraguai (do guarani aguara "raposa"); Capivary, nome de diversos rios do Brasil e de um afluente do Paraguai, no Paraguai (evidentemente derivado do nome da capivara, em tupi kapiwara, em guarani kapiyya); o Jejuí (Guazú) ou Jejuí Guaçu, dois rios, um no Paraguai; o Tecuahy, afluente do Marañón, no Amazonas. Finalmente, devemos citar o Paraguay, o importante afluente do Paraná, e o Uruguay que, junto com o último, forma o estuário do Rio da Prata. O primeiro nome, sem dúvida, contém o elemento para "mar, rio", do qual falamos acima, ou, possivelmente, deriva de paragua (como vimos, nome de diversos rios a leste da América do Sul) se é derivado do atual guarani — e a idade desse nome, naturalmente, não se pode determinar — deve querer dizer "o rio da paragua" (nome de uma planta malpigiácea), mas também devemos levar em consideração vários outros significados possíveis (em tupi, por exemplo, parawa ou paragua é o nome de um papagaio e também de um capuz de plumas feito com as suas penas) (35); quanto ao nome Uruguay, parece conter o elemento tupi uru "pássaro" (36), mas o guarani urugua é agora designação de uma variedade de litorina ou molusco de água doce (para este nome vale o que dissemos acima a respeito de Paraguay, isto é, que o limite exato das idéias expressas pelas formas para (gua) e uru (gua) não se podem, de modo algum, determinar).

Em alguns nomes o elemento final -y (-i) aparece talvez numa forma antiga: cf. Xiririca, nome de um rio e cidade de São Paulo (37); ambos significariam algo como "água que borbulha ou que ferve". Em alguns casos ainda o elemento y ("água, rio") é colocado em primeiro lugar no nome, sendo determinado por um adjetivo ou outra palavra atributiva, como no acima mencionado Iguassú (iguazú, Iguazu) "a grande água ou o grande rio". Outros nomes destas es-

(35) Incidentalmente, a forma Paraguay (pronunciada *paraguay* em guarani), que é originalmente o nome do rio, é agora usada pelos indígenas do Paraguai, quando falam da cidade de Assunção; o nome da república — assim como o de seus habitantes — é *paraguái*, do espanhol *Paraguay* e *paraguayo*, respectivamente. Mesmo o rio é atualmente chamado de *y paraguái* (= Rio Paraguai) em guarani.

(36) A mesma forma (originalmente *ulu*) é comum com este sentido em diversas outras línguas sul-americanas.

(37) N.T. — No livro do Tombo da matriz da cidade consta: "XIRIRICA — Parece q'se viciou o nome deste Bairro, donde a Freguezia tira o seu, quando alguns Antigos chamao Ribeirão da Tiririca, ou do Tirirical, que diz — taquaras que cortao, ou feixos de taquáras que cortao, a que chamao jayvaras, creciymas da Língua original".

pécies são: Iporanga ("água bonita"), nome de diversos rios e de uma cidade de São Paulo; Icatu ("a água boa"), cidade no Maranhão.

No lado oeste da América do Sul, muitos nomes de rios têm a terminação -yacu (-yaco) ou -mayu (-mayo), com uma distribuição quase igual — embora como apelativo ("água, rio") yacu seja uma palavra mais do norte —; ambas vêm do quíchua e querem dizer "rio". Os exemplos que se seguem referem-se a essa desinência: Pumayacu ("rio da puma"), localidade no Rio Piedras ou Tigreyacu, a leste do Peru, que, em sua origem, pode ter sido chamado por essa palavra da língua quíchua; Burruyacú, localidade à margem de um pequeno rio em Tucumán, Argentina (a primeira parte desse nome, evidentemente, vem do espanhol burro, significando, portanto, "rio do burro"); o Ambiyacu, pequeno afluente do Marañón, no Peru (ampi quer dizer "noite" no dialeto ancach); Sarayacu ("rio do milho) — cidade na margem do Ucayali, no Peru. Dos nomes terminados em -mayu (-mayo) podemos citar: o Yaguarmayo (literalmente "rio de sangue") (38), afluente do Inambari, no Peru; o Pilcomayo, o importante afluente do Paraguai (pil'qu em quíchua é nome de um pássaro de cores brilhantes); o Putumayo, afluente do Amazonas, formando o atual limite entre a Colômbia, o Peru e o Equador (a primeira parte Putu, quer dizer cabaça, usada para beber a chicha); o Calcamayo, perto de Ayacucho, no Peru; o Vilgamayo, o rio abaixo de Cuzco, no Peru, afluente do Urubamba (o componente inicial — em quíchua wil'ga — é nome de árvore); Pacasmayo, lugar próximo à costa, não muito longe de Chiclayo, no Peru; o Chanchamayo, no departamento de Tarma, Peru; o Angasmayo ("o rio azul"), no limite da Colômbia com o Equador (cf. Angas, nome de outro rio do Equador).

Dos nomes terminados em -Kocha "Lago" — além do acima mencionado Lago Cocha, no sul da Colômbia (cf. a Nota 10) — podemos citar os seguintes. Catacocha, localidade no sul do Equador (cf. adiante); Yaguacocha ("lago sangrento"), pequeno lago do Equador (cf. Yahuarcocha, no Peru, e a nota 28); Chinchaycocha, lago considerável do Peru, para o sul de Cerro de Pasco e não muito longe de Junín (o nome significa "lago de Chinchaysuyu", isto é, Peru, ao norte de Cuzco; esse lago é também chamado de Lago de Junín); Morococha, também próximo de Junín, Peru (do Kechua

(38) Com esse nome cf. Yahuarcocha ('lago sangrento'), em Cajabamba, Peru. Por 'sangrento', evidentemente, indica-se alguma espécie de 'terra' ou 'lama', talvez 'lava'; cf. o uso da palavra Kechua *wira* 'gordura' (em sua forma = ao aiw ara *wila* 'sangue') no nome Viracocha (*wiraquca*), que pode ser traduzido por 'mar de lava' ou algo correspondente.

murú "pintado"); Lauricocha, outro lago do Peru; Parinacochas, lago andino na província de Ayacucho (talvez do quíchua parihuana "flamingo", significando, contudo, duvidoso); Pacocha, localidade próxima da costa, no sul do Peru. Junto com os nomes terminados em kocha podemos mencionar os terminados em -kota, de origem Aymara (quta é a forma aymara do Kechua quca ou q'uca): Parinacota, no norte do Chile (Tacna), parece quase idêntico com o peruano Parinacochas acima citado, mas é nome de montanha (cf. adiante; contudo, em Oruro, na Bolívia, há um lago Parinacota); podemos citar ainda: o rio Cotagaita, na Bolívia (Potosí). Um nome de rio de espécie completamente diversa é o boliviano Misque (Mizque, Mixque), afluente do rio Grande (o Guapay); esse nome, que corresponde ao Kechua misk'i "doce", se prende claramente à água fresca desse rio.

Ao sul dos territórios dos índios Kechua e Aymara começa a terra dos araucanos, onde os nomes de rio terminam em co ou -llacu (o último, mais precisamente = "água morna"). O primeiro nome importante que encontramos ao sul de Santiago, Chile, é Curicó ("Água Preta"), agora nome de uma província chilena e capital provincial, a última levantando-se à margem de um pequeno rio (provavelmente o Curicó original); temos ainda: Chanco, localidade costeira ao norte de La Concepción no Chile e também nome de uma província; Qudico, lugar mais ao sul, na costa; Temuco, cidade do interior — agora aeroporto — às margens de um rio da província de Cautín, do qual é capital; lago Ranco, lago andino acima de Valdivia, Chile; Covuncó, afluente do rio Neuquen, Argentina, e também nome de um forte no mesmo rio; Camarico, localidade às margens do Rio San Juan, na província de San Juan, Argentina (39); Remecó ("água das juncos"?), localidade na parte sul do território argentino do Pampa (por um tempo chamado oficialmente de Eva Perón, mas agora de novo La Pampa); Luancó ("rio do guanaco"), nome de rios ao sul da Argentina e do Chile. De acordo com Lázaro Flury, o nome argentino do rio Neuquen significa um "braço" (num rio); a respeito do significado e da ocorrência deste termo, ver Ivan Lind, Varadouro (p. 17). Além desses nomes, encontramos nomes de lagos como: Nahuel Huapí ("o tigre huapí"), nome muito conhecido no sul da Argentina (nas margens desse lago fica o famoso balneário de Bariloche); Colhué Huapí, lago na província de

(39) *Camarico* é, contudo, uma palavra espanhola familiar, usada em vários sentidos; possivelmente, o nome de lugar é originalmente indígena e assemelhado a uma forma espanhola, de acordo com o que dissemos à guisa de introdução.

Chubut, Argentina. Em relação ao vocábulo araucano huapi, veja-se mais adiante. Lauquen corresponde mais precisamente a "mar"; aparece em Chadí Lauquen ("lago salgado") e Urre Lauquen (ou Lago Amargo), lagos formados pelo rio Salgado, afluente do rio Colorado, na província de Eva Perón (território do Pampa) (40); Trarú Lauquen ("lago do urubu-campeiro"), agora nome de um forte na mesma província; Luan Lauquen ("mar do guanaco"), outro forte na mesma província (há lagos salgados por toda essa região); Trenque Lauquen ("lago seco, de acordo com Flury), localidade na província de Buenos Aires; Cari Lauquen ("lago verde"), lago do território de rio Negro, Argentina.

Nesta relação, certas peculiaridades de natureza semântica, ligadas às línguas ameríndias, devem necessariamente serem levadas em consideração. Como observamos, à guisa de introdução, as idéias nativas não devem sempre corresponder exatamente às idéias às quais estamos acostumados. Observamos acima como se faz uma distinção, nos nomes de rios e lagos, entre água fresca, salgada ou estagnada (ou entre água "potável" e "não potável"). A primeira categoria — em primeiro lugar os rios — constituía elemento importante na vida dos indígenas e serve a muitas finalidades: a busca de água potável, provisão de peixe de água doce, lavagem (de roupa) e banho, etc.; ademais, eram excelentes meios de comunicação. Outras águas — os lagos e o mar — apenas existiam; os indígenas, embora necessariamente tenham chegado outrora por mar, ultimately da Ásia, desde então (com pouquíssimas exceções) raramente se tornaram grandes apreciadores de viagens marítimas. A consequência natural disso é que os nomes de rios contêm frequentemente um elemento que significa "água" par excellence, às vezes também "água potável" ou "bebida" (basta que citemos o nome norte-americano "Grande Bebida", usado quando se fala do Mississipi, ou "bebida" como gíria para designar "rio"). Outras águas podem ser bem diferenciadas; todas são chamadas de "mar" ou de "pântanos", mas justamente como o vocábulo inglês "moor" ou "moor-land" (charneca), que, originalmente quer dizer "terra pantanosa" (o anglo-saxão *mór* provém da mesma raiz que *mare*, em latim), é usado atualmente para designar qualquer pedaço estéril de terra, assim também acontecia com os "mares" dos indígenas americanos; os nomes que traduzimos por "mar" ou "lago" devem preferivelmente ser traduzidos por "qualquer extensão de terreno despovoada ou estéril", terra inútil para os indígenas e evitada por

(40) Esses, evidentemente, são lagos salgados, como as muitas salinas encontradas nessas regiões da América do Sul.

eles, e portanto, mais ou menos, pela "charneca" inglesa. Na língua cuna, do Panamá a palavra *matta* significa "lago, poça, planície"; os índios cuna, que são bons marinheiros, têm, contudo, outra palavra para se referir ao "mar" propriamente dito. Agora encontramos muitos desses nomes em terrenos montanhosos onde não há, provavelmente, "mares" ou "lagos" de acordo com o nosso sentido (41). Entre esses estão Cochabamba, capital departamental da Bolívia (a cidade se levanta no meio de uma planície, agora cultivada e fértil, rodeada de montanhas; literalmente, é claro, esse nome quer dizer "planície do lago", mas uma tradução mais exata, sem dúvida, deveria ser apenas "a planície"; cf. Nota 41, acima); Catacocha, aldeia no sul do Equador, também nas montanhas (o vocábulo Kechua *q'ata* significa "encosta de montanha" e aparece em diversos nomes, e.g., Catamarca; cf. abaixo); Soirococha pico dos Andes peruanos, com mais de 16.000 pés de altura; finalmente, temos o acima-mencionado Parinacota, nome de uma montanha no norte do Chile.

Inversamente, pampa ("planície") (42) do mesmo modo pode se referir a "charnecas" e a "águas". Uma grande extensão do sul da Bolívia é chamada de Pampa Salada "planície salgada". Essa planície, outrora, deve ter sido um lago, igual ao Lago Coipasa e ao Lago Poopó, que lhe fica ao norte. Urubamba (isto é, pampa) é o nome de afluente do Ucayali, no Peru; esse nome, evidentemente, se refere a toda uma região do tipo despovoado chamada pampa, incluindo o próprio rio; observem que uma montanha situada acima é chamada de Sierra (ou Cordillera) Vilcabamba, enquanto que o rio que lhe fica embaixo — aliás, o curso superior do Urubamba — se chama Vilcamayo. Do mesmo modo, temos Riobamba, no Equador central (evidentemente, outrora, nome de rio). Toda uma extensão

(41) Observe-se que isso também é válido para a Europa: no sul da França, bem ao pé dos Pirineus, está a localidade de Itxassou, que quer dizer "o mar" (*txaso* em basco); nas províncias espanholas de Guipúzcoa e de Navarra encontramos localidades com o nome de Ichaso (com o mesmo significado). Para referências quanto aos últimos, o autor agradece a Luis Michelena, que também partilha da mesma opinião quanto à sua etimologia e não é preciso dizer aqui que a opinião de Michelena é de grande importância nesses assuntos.

(42) N.T. — O Dicionário da Real Academia Española registra: "Pampa (del quichua pampa, campo raso). Cualquiera de las llanuras extensas de realidad corriente do Equador ao Chile e Argentina. Enquanto *pampa* designa, quase sempre, paisagem plana de regiões subtropicais e temperadas, *sabana* (vocábulo Karib) corresponde à mesma paisagem porém em região tropical.

de montanha sub-andina, no norte do Chile, originalmente coberta de florestas, é chamada de Pampa de Tamarugal (isto é, "planície da mimosa"; ela geralmente se eleva acima de 3.000 pés); cf. mais adiante a respeito dos nomes de montanhas. Analogamente, alguns nomes de rios, no Peru, terminam em -pata (ou -pada; do Kechua pata "rampa", declive", etc.) e, portanto, são mais nomes de qualquer outra coisa de que o próprio rio: Marcapata, rio e localidade do Peru; Pilcopata, rio; Cosñipata ("rio enfumaçado ou ribanceira", também chamado de Yanamayu), outro rio do Peru (Cuzco); Tambopata, localidade do Peru, etc. — Quanto ao acima mencionado vocábulo araucano huapi, que geralmente é interpretado como "ilha", podemos dizer que não é necessariamente uma "ilha" rodeada de água; em alguns casos ele apenas designa qualquer extensão isolada, uma região entre montanhas, por exemplo, uma "planície" ou "recanto", e de fato é usado como designação de, pelo menos, dois importantes lagos do sul da Argentina, viz. o acima mencionado Nuel Huapi e Colhué Huapi ("recanto da caña, também chamado de Lago Colhué).

Dissemos que os rios eram excelentes meios de comunicação. Em algumas línguas indígenas "rio" e "caminho" são quase que sinônimos (43). Encontramos em algumas partes do Brasil nomes de rios terminados em pe (o mesmo que ape), que deve ser identificado com a palavra tupi usada para designar "caminho". Nomes desse tipo são: Pacu-Igarapé (44) e Macu-Igarapé, rios da região fronteira entre o Brasil e a Colômbia; Igarapé-Açu ("grande Igarapé) e Igarapé-Mirim ("pequeno Igarapé), agora conhecidos como cidades do Pará (nesses nomes, evidentemente, temos a palavra guarani ygarape "caminho da canoa", palavra usada também no português do Brasil para designar um pequeno rio navegável; cf. Igará Paraná "rio da canoa", no sudeste da Colômbia); Iguape, localidade do Estado de São Paulo, (talvez do guarani ygue "mangueira" (45), Tapirapé, nome de um rio no nordeste do Estado do Mato Grosso (do tupy tapihyra "tapir"). Nesses nomes podemos pensar em "caminhos de água", usados quando pescavam o pacu, caçavam o tapir, etc.

Os nomes de rios, contudo, ocasionalmente, tinham um sabor mais individual. Isto é válido especialmente para o rio peruano Rimac (a cujas margens se levanta a cidade de Lima, para a qual

também forneceu o nome), o Apurimac (no Peru central) e possivelmente o Rimachuma (do qual falaremos adiante). O vocábulo Kechua rimaq significa "fala" e, quer esse elemento se refira originalmente a qualquer som particular (como o produzido pelas águas) (46) ou não, o fato é que pelo menos um desses nomes, Apurimac ("o senhor que fala"), indica uma personificação do rio (cf. mais adiante, a respeito dos nomes de montanhas). Rimachuma, lago ou pântano no norte do Peru (entre o baixo Pastaza e o rio Norona), mostra muitas variações ortográficas nos mapas e nos livros de referência (47), embora pareça pertencer à mesma raiz dos comentados precedentemente.

Os nomes de montanhas são de tipo bem diverso. As montanhas, em parte, eram a morada dos deuses ou de espíritos e, por isso, muito temidas, e em parte campo de caça e, nesse último sentido, não distinguidas essencialmente, no nome, das florestas (cf. o espanhol monte "montanha" e "floresta") (48). As primeiras eram os paramos, as montanhas geladas, altas e inacessíveis (em espanhol também designadas pela palavra cerro); as segundas eram as serras ou montanhas mais baixas e cobertas de florestas. Por isso, não há nomes uniformes para "montanhas" na toponímia indígena. Começamos pelos nomes que designam campos de caça. O mais conhecido desses é provavelmente o Chaco, que é uma designação bastante geral para diversas áreas da Bolívia, do Paraguai e da Argentina. Esse nome é a palavra Kechua chacu, que significa simplesmente "caça" ou "levantar a caça". Corresponde de algum modo à palavra brasileira mato (em geral "terra sem cultivo"), como no nome Mato Grosso. Essas áreas não são montanhosas, mas as mencionamos aqui por conta do que dissemos acima a respeito de montanhas e florestas. Os nomes em questão, portanto, não se referem diretamente a montanhas ou às próprias cadeias de montanhas. Na região centro-oeste da Venezuela, entre os rios Paragua e Caroni, encontramos uma montanha chamada Tonoro (ou Cerro Tonoro), cujo nome representa a palavra Karib para "uma ave" de espécie maior que se caça; é muito provável que esse nome de montanha se refira apenas a um lugar onde são encon-

(46) Cf. o vocábulo latino loquor (eu falo) e a expressão de Horácio *lympa loquax* ou 'água que fala'.

(47) Foram anotados os seguintes: Rimachuma, Rimachumac, Rimachuma, Rimacheima, Rimacheimacocha e ainda Lagarto Rimachi.

(48) 'Floresta' é chamada de *ka'aguy* em guarani, mas neste estudo não está registrado nenhum nome com esse elemento, enquanto que o tupi *ka'a* 'floresta', mato, aparece com frequência.

(43) Cf. O estudo do autor *Some semantic problems in Cuna and Kagaba*, p. 198.

(44) N. T. — Igarapé — Ykar + apé = caminho da canoa.

(45) N. T. — Iguape parece provir de y + wá + pe = no lagamar.

tradas ou onde são caçadas essas aves. A Sierra de Amambaya (Serra de Amambai), entre o Brasil e Paraguai, divisor de água entre as bacias dos rios Paraná e Paraguai, deriva seu nome de palavra guarani amambai, que é o nome genérico de várias samambaias.

Especialmente no Brasil, muitos nomes originais de montanhas começam com o elemento Ita- (que quer dizer "pedra" em tupi); esses nomes, é claro, não são, muitas vezes, nomes de montanhas no nosso sentido, mas devem ser considerados aqui devido à sua importância. Em primeiro lugar, há lugares chamados simplesmente de Itá ("a pedra"; e.g., uma localidade do Paraguay, um pouco a este de Assunção, e também uma cidade no Estado de São Paulo); há também uma Itai ("pedra pequena"), cidade do mesmo estado (49). Itapiranga ("pedra vermelha") nome de uma cidade no Amazonas e de outra em Santa Catarina. Itamaracá, ilha próxima de Recife, significa chocalho de metal. Entre outros nomes deste tipo encontramos: Itacoatiara, cidade do Amazonas, (a última parte do nome sugere o vocábulo tupi kua-tiara "tinta", daí pedra pintada). Itaituba, cidade no Pará, (quanto ao último elemento, cf. adiante); Itabaiana, nome de uma montanha e de uma localidade em Sergipe e de outra na Paraíba (o último elemento parece derivado do português baía) Serra do Itapicuru (ou Itapecuru), no Maranhão, — há também cidades e rios no Maranhão e Bahia com o mesmo nome — cuja última parte parece ser o vocábulo guarani pikuru "cutia" (também usado em espanhol, picuro); Itaparica, nome de uma montanha, ilha e cidade da Bahia, corresponde a tapagem de pedra; Serra do Itacambira, cadeia montanhosa em Minas Gerais, (kambi é a palavra tupi para dizer "macaco") (50 - 51); Itambé, nome de montanha e cidade da Bahia; Itabira, nome de pico e de uma montanha de Minas Gerais; Itaperuan, cidade no Estado do Rio de Janeiro; Itaquí, cidade no Rio Grande do Sul, (em tupi ita ky quer dizem "mó" — o nome, originalmente, deveria designar o lugar onde se conseguiam essas pedras); Itatí e Itaivatí, localidades na província argentina de Corrientes (o primeiro nome, provavelmente,

(49) Itahim (ou Itaim) é o nome de um pequeno afluente do Parnahyba, no Piauí, e pode talvez conter o elemento y (água). N. T. — não é correta tal afirmação pois Itaim tem a mesma significação que Itai. Contudo, há rios, e.g., o Itu (no Rio Grande do Sul), cujo nome é antes a designação de uma 'pedra', etc. (itu quer dizer também um 'recife' ou 'precipício' em guarani); cf. também os nomes Kechua de rio terminados em -pata (originalmente 'ribanceira de rio', 'plataforma' ou algo correspondente. Melhor seria dizer que itu (termo tupi) significa queda d'água, cachoeira.

(50) N. T. — Kambi é palavra tupi para leite e não como quer o autor.

(51) Nos últimos nomes, serra parece mera tradução para o português do *itá*.

quer dizer "pedra branca, o último "pedra alta"); Itararé; Itapetininga, nomes de cidades e rios de São Paulo; Pico de Itatiaia, na Serra da Mantiqueira, Rio de Janeiro; Itapecerica, nome de localidades em Minas Gerais e São Paulo. Um nome tupi de montanha é também este (Chapada ou Chapadão da) Tabatinga, cujo significado, sem dúvida, é "argila branca"; esse é o nome de um vasto planalto de Minas Gerais e também de uma localidade bastante importante no alto rio Amazonas e perto dos campos de aviação de Leticia e de Benjamin Constant (52).

As montanhas inacessíveis, sem importância para os caçadores, são, em primeiro lugar, os altos picos da imensa cadeia andina e, conseqüentemente, em muitos casos, denominadas pelos índios que falam línguas do tipo Kechua (53). Essas línguas, como dissemos, em sua estrutura, são mais próximas das línguas da Ásia e da Europa e assim encontramos, por exemplo entre os nomes de montanhas, maior variedade de acordo com os princípios com os quais estamos familiarizados. Já mencionamos que essas montanhas muitas vezes eram fonte de medo para os índios, devido ao fato de serem a suposta morada dos maus espíritos ou deuses de fato, a montanha e o seus deveriam, presumivelmente, ser idênticos quanto ao nome. Assim, encontramos na nomenclatura das montanhas, nesses lugares, traços claros de personificação, isto é, nomes que indicam características pessoais. Entre esses, podemos mencionar nomes como Tata Sabaya ("Pai Sabaya"), alto pico nos limites entre Chile e Bolívia (Sabaya é também o nome de uma localidade da Bolívia; considerando as corrupções que frequentemente acontecem em nomes de origem indígena, não deve ser muito temerário associá-lo com o aymara equivalente do quíchua supay "diabo, demônio"); exatamente do mesmo tipo é o nome Tata Jachura ("Pai Jachura"), vulcão não muito distante do precedente, no lado chileno da fronteira (o significado de Jachura até agora não pôde ser determinado).

(52) N. T. — Quanto à Itabaiana a explicação do autor parece deixar muita margem a dúvidas. Não conseguimos elementos suficientes para poder bem traduzir Itapicuru e os aqui oferecidos parecem errôneos. Reproduziremos algumas etimologias propostas por Teodoro Sampaio (op. cit.): Itabira: pedra levantada; Itararé: pedra solapada, sumidouro; Itapetininga: pedra enxuta, vau seco; Itatiaia, penhasco cheio de pontas; Itapecerica: laje escorregadia, monte rochoso sem qualquer vegetação pelas encostas. Itatí e Itaitubá são topônimos de origem guarani.

(53) Precisamos lembrar aqui que o próprio Kechua teve enorme influência nas línguas e culturas que o rodeavam. Empréstimos do Kechua são encontrados profusamente no aymara e, até certa extensão, em muitas outras línguas vizinhas, como o araucano, etc.

Nos nomes Aconcagua e Chimborazo, há um sentido claro de personificação. O primeiro — que por muito tempo se supôs ter sido um vulcão extinto, mas que é na realidade uma formação granítica na fronteira entre Argentina e Chile, ao sul dos Andes centrais, — o mais alto pico da cadeia andina, deriva seu nome de duas palavras Kechua: aqu "areia" e k'awa (a orla da lã vermelha, que cobre a testa, na faixa usada na cabeça (llautu) pelo incas); é compreensível que esse pico majestoso, que se eleva a mais de 23.000 pés, fosse comparado à cabeça de um poderoso chefe, usando o diadema dos incas. O nome do Chimborazo, vulcão um tanto mais baixo, no Equador, apresenta o vocábulo Kechua cimpu — "fios multicores de lã, e rasu "pico nevado"; essa descrição é bastante semelhante à anterior, e se prende à aparência dessas montanhas, cujas encostas estão cobertas de fragmentos de rocha que formam desenhos semelhantes a fios de lã no llautu. Exatamente a mesma idéia parece expressa pelo nome Pichipichu, pico andino do Peru (cf. o Kechua p'icú "tufo de lã" e p'icuq "faixa ou banda multicolor"). A personificação parece evidente também em Lullaillaco, nome de um vulcão no Chile central (ao sul de Antofagasta); llula que quer dizer "mentiroso, fraudulento, tanto em Kechua como em Aymara, e denota uma qualidade tipicamente humana. Os nomes Icahuasi e Cordillera del Inga (=inka), nos Andes centrais (acima de Coquimbo), o primeiro dos quais quer dizer "a casa ou a morada do inca" (54), sugerem ambos uma especificação pessoal; mas devemos lembrar que o sentido original do termo "inca" ainda é desconhecido e, além do mais, que a palavra inka em Kechua tem igualmente vários outros significados. Huascarán (ou Huascán), pico do norte do Peru, perto das cabeceiras do rio Marañón, lembra vagamente o nome de um dos últimos incas de Cuzco. O próprio nome de Cuzco, nome da antiga capital inca, também sugere personificação, embora de um tipo muito mais geral: essa palavra (em Kechua qusqu) significa "umbigo". O nome Cuzco, sem dúvida, se refere diretamente a uma característica puramente geográfica, quer seja à própria capital, como centro do Império Inca ou — com mais probabilidade — ao vale onde se levanta.

Consideremos agora alguns dos nomes de montanhas das diversas cordilheiras da cadeia dos Andes, começando pela parte norte. No Equador, a oeste de Quito, se levanta o vulcão Pichincha (em

(54) Há montanhas, distritos e lugares com esse nome (Incahuai, Incahuasi) no Peru, Bolívia e Argentina.

alguns mapas esse nome está grafado como Pichincha); com relação à última forma, esse nome pode talvez estar ligado com o verbo Kechua pinci — ou p'inci — "brilhar", mas Pichincha é a forma do nome de uma montanha também no norte do Chile); Cotacachi, nome de um pico ainda mais alto, ao norte de Quito, significa apenas "morro salgado" em Kechua. O mesmo elemento inicial é encontrado em Cotopaxi, vulcão ativo ao sul de Quito; a forma Kechua desse nome é indubitavelmente q'utu p'asi (originalmente p'asi), na verdade, o mesmo que o mexicano Popocatepetl "montanha e enfumaçada"; este, contudo, muito raramente solta fumaça. Há diversos picos andinos cujos nomes se iniciam com o elemento ll (1): Illimani (Illimani), Illiniza, Illesca (no Equador e norte do Peru), Illampu (ou Sorata, na região este da Bolívia); isso pode sugerir que tais nomes têm conexão com a raiz do verbo Kechua illa- "brilhar" (relacionado com o vocábulo Aymara illapa, illapu "brilho; tiro") e, assim, do mesmo tipo que o sugerido para Pichincha (Illesca, contudo, é também nome de uma cidade espanhola na província de Toledo e, em todo caso, é provável que a forma do nome, que em Kechua pode ter sido illasqa "que brilhou" ou "brilhante", tenha sido influenciado pelo nome espanhol). Sarasara, vulcão com quase 20.000 pés de altura, perto da costa sul do Peru, recebeu um nome estranho, pois sara quer dizer "milho" em Kechua; aliás, sarasara é a palavra Kechua para dizer "milharal". A não ser que esse nome pertença originalmente a algo mais do que a própria montanha, ele pode se referir à cor de suas encostas ou a algum detalhe semelhante. Outro vulcão ainda mais alto, no sul do Peru, é o Coropuna (o elemento Coro- não é raro na toponímia andina; há um Corocoro na Bolívia, lugar rico em cobre); desconhecemos o sentido da parte inicial desse nome, mas -puna, originalmente, é a palavra usada para dizer "planalto árido" nos Andes. O vulcão Misti, ao norte de Arequipa, é um nome bem estranho, pois quer dizer pelo menos no Kechua de hoje — um "mestizo" ou algo "misturado"; essa forma de nome, de fato, é usada pelos índios quando falam de montanha, embora a razão para esta denominação continue obscura. Sierra de Huataconda (ou Guataconda) no norte do Chile (acima de Iquique) é um dos muitos nomes usados para indicar montanhas "enfumaçadas"; o vocábulo Kechua quenta (=conda) quer dizer "fumaça" ou "vapor" (a primeira parte, parece, quer dizer "ano", mas seria muito temerário concluir que esse nome deva ser interpretado como algo como "vapor anual"). Sierra de Sarapana, também no norte do Chile (acima de Antofagasta), ainda parece derivado de sara "milho" (cf. Sarasara, acima). Nevado de Aconquija, na província argentina de Catamarca, mostra o mesmo elemento aqu "areia" co-

mo vimos em Aconcagua ⁽⁵⁵⁾; a última parte desse nome parece ser o vocábulo quíchua *kisá* (*k'isá*, *kisa*) "ninho" (portanto "ninho das areias" ou "ninho arenoso"); em outra forma encontramos essa palavra quíchua no nome do rio Gualaquiza, no Equador. Uspallata, nome de uma cidade na província argentina de Mendoza (rica em cobre), pode ser citada juntamente com os nomes de montanha; situada ao pé do Aconcagua, essa localidade pode derivar seu nome do Kechua *usp'a* (*usp'a*) "cinzas", possivelmente referindo-se às emanações dos vulcões vizinhos.

Finalmente, temos de considerar os Andes, nome da cadeia de montanhas de 4.500 milhas de extensão, que se alonga por toda a costa do Pacífico, desde o Istmo do Panamá no norte, até o Cabo Horn, no sul. Esse nome, sem dúvida, vem do quíchua ou, pelo menos, tem conexões com palavras quíchuas. Pertence a um tipo de nome muito comum na região andina, na qual domina o elemento *anta*, *anti* ou *Antu*. A forma *anta* quer dizer "metal", especialmente o "cobre", em Kechua e *anti* (*Anticuna*, no plural, ou, com terminação espanhola — *Antis*) é o nome Kechua dos Andes ⁽⁵⁶⁾; *antu*, por sua vez, entra apenas como elemento em alguns outros nomes. Todas essas formas, evidentemente, têm relação entre si; mas se elas originalmente indicam o "cobre" ou apenas alguma parte dos Andes ou algum local nos Andes (nesse caso o nome deve ser anterior ao Kechua) é quase impossível de se dizer (podemos comparar o nome *Cyprus*, — em latim *cuprum*) — do qual geralmente se supõe vem a palavra "cobre". Dos nomes que contêm esses elementos, contudo, podemos citar os seguintes: *Antisana*, vulcão a este de Quito, no Equador (se tem relação com o Kechua *sani* "vermelho", poderíamos dar o significado "cobre vermelho ou Andes" — *anta* (*Anti*) *sani*); *Andahuaylas*, localidade entre Cuzco e Ayacucho, no Peru; *Antabamba* ("planície do cobre"), a sudoeste de Cuzco, Peru; *Anta* ("cobre"), nome de uma localidade e província no Peru (Cuzco), assim como de um departamento na província argentina de Salta; *Antofagasta*, importante porto de mar no norte do Chile e nome de uma província (há diversas minas nesse lugar); o ele-

(55) O *n*-intercalado nessas formas é devido provavelmente a uma espécie de "eufonia" — a lingüística, aliás, encara a tendência "eufônica" na língua como uma inclinação para uma assimilação com as usuais, ou costumeiras, seqüências fonéticas — neste caso, a "eufonia" consiste numa assimilação com palavras espanholas bem conhecidas, do tipo *acongojar*, *aconsejar*, *acontecer*, etc.

(56) Há derivações como *Antisuyu* ("terra andina") e há também uma tribo araucana, os *anti*, que outrora ocuparam o vale de um rio bem no coração do Peru.

mento -gasta (=?) aparece em diversos outros nomes nessa região e já também outra *Antofagasta* na província argentina de Catamarca; *Antofalla*, vulcão no velho território dos Andes, na Argentina; *Andalgalá*, forte em Catamarca, Argentina, também chamado *El Fuerte* (o elemento final pode ser o Aymara *kala* "pedra, rocha"); *Andacollo*, localidade do Chile (Coquimbo); finalmente, *Antuco*, vulcão ao sul do Chile (acima de La Concepción), cujo nome, possivelmente, pode ser araucano (nessa língua, contudo, antu quer dizer "sol").

Nomes de outros metais estão representados ocasionalmente na toponímia. Assim temos o pico montanhoso *Collquihorcuna*, a este de Cuzco, nome que quer dizer apenas "mina de prata"; também temos *Colquemarca* ("cidade da prata"), localidade e distrito ao sul de Cuzco, e *Collque-Huichcana*, nome de um pico e de minas de prata em Huancavélica, Peru. O vocábulo Kechua *kori* (*quri*) "ouro" parece ocorrer em pelo menos um nome, viz., o de *Cori*, localidade no território dos Andes (agora fazendo parte de Salta), no norte da Argentina; há outra *Cori* no Chile (província de Antofagasta). Entre os nomes primitivos de montanhas temos de mencionar o *Titicaca*, agora nome oficial do maior lago da América do Sul, que se supõe ter coberto antigamente uma área muito maior com seu nível alcançando uma altura 300 pés mais elevada; já que o elemento final quer dizer "pedra" (em Kechua *qaqa*; cf. *Caca-Aca* "excremento da montanha" nos Andes bolivianos), é-se inclinado a acreditar que esse nome, originalmente, foi dado às pedras que o rodeavam (*titi* quer dizer "chumbo", como em *Titihurquna* "mina de chumbo", visto que o próprio lago deve ter tido outro nome (note-se que, desde o tempo dos incas, ele foi chamado alternativamente de *Lago Chucuito*, do nome de uma localidade de sua margem oeste, perto de Puno).

A palavra Kechua *cachi* (*kaci*) "sal" faz parte de diversos nomes: *Huanacache* (*Guanacache*), lago salgado da província argentina de San Juan; *Cachi-Yacu* ("rio salgado"), rio do Peru central; *Cachicocha* ("lago salgado") e *Cachicoto* ("morro salgado"), também no Peru; (talvez) *Cachiboya*, nome de um rio e localidade no Peru; *Cachiyuyo* ("terra da grama salgada"), na fronteira entre a Argentina e o Chile; finalmente, *Cachi*, nome de diversos picos e lugares na Argentina e no Peru, e.g., *Nevados de Cachi*, que se levanta à altura de cerca de 20.000 pés em Salta, Argentina.

Ao sul da região dominada pelos Kechua, da qual temos de nos ocupar agora, surgem nomes de montanhas que têm, como elemento final, o vocábulo *mahuida* (ou *mauida*, *mavida*); esta é a palavra araucana para "montanha". Nomes deste tipo são encontrados bem

a este, na Patagônia; Minchinmávida, no sul do Chile; Auca Mahuida ("montanha dos araucanos") e Bum Mahuida, no território dos neuquem e província de Mendoza, Argentina; Sierra Pichi Mahuida ("montanha pequena"), na província de La Pampa. Mais ou menos na mesma área são encontrados nomes de montanhas cujo primeiro ou último elemento é huincul ("pico" ou "colina" em araucano ou lemu ("montanha")); temos: Montes de Huincul Mapu ("pico ou colinas da terra" — isto é, da terra dos Mapuche ou araucanos — ou talvez, preferivelmente "terra montanhosa") no território do rio Negro, Argentina e Sierra de Pillahuinco (provavelmente por -huincul) na província de Buenos Aires (esse nome, aliás, assinala a mais longínqua expansão na direção leste dos mapuche na Argentina). Pichilemu ("pequena montanha") e Bucalemu são nomes de lugares na ou perto da costa sul de Valparaíso, no Chile.

Nos nomes que pertencem ao que podemos chamar de toponímia "mais antiga" — do tipo encontrado principalmente nas regiões orientais da América do Sul — as designações geográficas comuns, como "montanha", "lago", etc. (embora, com a importante exceção da designação de "rio" nos nomes guarani em -hy ou -i; cf. acima), são quase que inteiramente ausentes. Contudo, apelativos característicos são usados sozinhos, e quanto a eles nunca podemos estar seguros a respeito de que particular característica geográfica eles se referiam originalmente ou se eles já foram nome de uma determinada montanha, lago ou rio, embora possam figurar como tais na toponímia oficial. Nesses nós encontramos uma coleção muito profusa de nomes de plantas ou de árvores, assim como de nomes de animais (de aves e peixes, inclusive), denotando a típica ocorrência de importantes plantas ou árvores, de caça ou de outros animais, de pássaros nas florestas, de peixes nos rios, etc. Começamos com os nomes que se referem à vegetação.

Dessa espécie é, por exemplo, o de Punta de Maisí (o ponto mais oriental de Cuba), que quer dizer "(do) milho índio" (maisí ou marisi — conforme os dialetos — é o nome Aruak do "milho", que foi introduzido nas línguas européias. Na Venezuela encontramos o rio Amana, que quer dizer "abacaxi bravo" em Karib (nesse rio, também chamado de rio de los Chaimas, a tribo Karib desse nome se estabeleceu há muito tempo) (57). A Sierra Pacaraima, cadeia de

(57) Cf. o nome nativo de um pequeno rio da Guiana Holandesa, *Amanawa'u*, de sentido semelhante (veja-se Ahlbrinck, *Encyclopaedie*, p. 79). Amaná é também o nome de um lago no Pará e de um lago e de uma ilha fluvial no centro do Amazonas. — Esse nome, naturalmente, nada tem a ver com o nome de lugar Amana, na província argentina de La Rioja.

montanhas na fronteira da Venezuela com o Brasil, devia, provavelmente, entrar nesta relação; a palavra caraíba pakara quer dizer "cesto", mas esta é, com muito mais probabilidade, em sua origem, o nome da planta ou árvore que fornece a matéria-prima para os cestos. Maripa, cidade da Guiana Holandesa, é mais transparente, pois maripa é a palavra Karib para designar uma palmeira muito conhecida (Maximiliana maripa). Vários nomes do Brasil contêm a palavra tupi ka'a "o mate ou chá paraguaio" (*Ilex paraguayensis*); este é, afinal, o significado especial desta palavra — na realidade ela é usada para denotar praticamente qualquer tipo de vegetação, nos vários dialetos tupis, e até a própria "floresta" (o sentido da palavra corresponde quase ao da palavra espanhola hierba). Um dos nomes que contém essa palavra como elemento é Caeté ("a mata verdadeira") nome de diversos lugares e rios do Brasil (58). Totorá, localidade a este de Cochabamba, representa o nome da planta totora (talvez, em sua essência, vocábulo Kechua), que ainda é usado em espanhol para o "amento" sul-americano (typha), uma planta ou junco do pântano, usada pelos peruanos para construir balsas leves; neste caso particular a denominação pode ter sido dada há relativamente pouco tempo pelos bolivianos. Outro nome não formalmente índio é Taquaral, nome de diversas montanhas e rios do Brasil; taquaral é a palavra portuguesa para designar um "pequeno bosque de bambus", mas essa palavra vem, em última análise, do tupi takwara, o bambu nativo: rio Taquaruçu ("bambu grande"), na bacia do Tocantins, e o lugar chamado Taquaringa ("bambu branco"), ambos em Goiás, Taquaritinga do Norte ("rio do bambu branco"), nome de uma cidade de Pernambuco. Taquari ("rio do bambu") aparece, como dissemos acima, em muitas regiões do Brasil. Outro nome botânico é o de Timbó, localidade da Bahia (esse nome é o nome Tupi de grande número de plantas com propriedades tóxicas). O rio Jequiricá, no mesmo Estado, parece derivado do tupi jequiricá, lugar do sal, e Maracás, nome de uma localidade da Bahia, vem sem dúvida, da palavra que significa "(árvore) da cabaça" (59). Araripe, denominação de chapada e rio, significa "o lugar do arari" (leguminosa brasileira (Moenuna Roatrata) e nome amazônico do canindé, chamada centrilobio em espanhol e

(58) N. T. — Na carta do Brasil ao milionésimo, publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, ocorrem, entre outros, os seguintes onomásticos: Caá Guaçu, Cápiranga, Caapora, Caatinga.

(59) N. T. — Ainda não está definitivamente definida a etimologia de Jequitinhonha. Teodoro Sampaio (op. cit.) sugere: "corr. yiki — ty — nhonha. Mais provável é ser o vocábulo da língua dos Botucudos da região banhada por esse rio".

arari em guarani). Campos de Caatinga, no sul da Bahia, vem do Tupi, ka'atinga ("mato branco") e Caratinga, localidade de Minas Gerais, tira seu nome de uma planta comestível (kara, em Tupi). Rio Tacuarembó, no Uruguai — significa "do vime" ou do "salgueiro" (em espanhol uma espécie de junco localmente chamado de chusque) e Peperi Guaçu (Bipri Guazú, "grande Pipiri"), afluente do Uruguai, entre o Brasil e Misiones (Argentina), representa outro nome guarani de planta (pipiri, planta ciperácea = típica de pântanos). Lago Iberá, lago em Corrientes (Argentina) é bastante significativo, pois vyra é simplesmente a palavra para "árvore" em guarani; Uberaba, nome de um pequeno lago de Mato Grosso e de uma (60). Curitiba, capital do Estado do Paraná, é derivada da palavra Tupi para designar "pinheiro". Os nomes Caapucú, Caazapá, Caaguazú ("mate grande") e Caacupé ("atrás da plantação de mate"), todos de localidades no Paraguai, são designados pela mesma palavra guarani acima citada em relação aos nomes brasileiros de Caeté, e aqui também podemos citar Caapiranga ("mato vermelho"), nome de uma ilha no Rio Branco, Amazonas, Brasil (no último nome, ka'a talvez deva ser tomado em seu sentido genérico; cf. acima). Urundaití, distrito do sul da Bolívia, parece se referir a uma vegetação de quebracho (cf. o guarani -urundi "quebracho"). Os nomes rio Jundiatuba (no Amazonas) assim como Jundiá (nome de uma cidade de São Paulo) também parece ser derivado de um nome de planta yundiá —, do Tupi, é ainda usado no português do Brasil como nome de uma planta labiada. O nome às vezes é dado como Jandiataba, forma que pode ter sido influenciada por outro nome de rio ou pelo nome tupi e português de certo peixe, jandiá) (61).

Na parte oeste do continente, o nome da vegetação é usualmente do tipo composto aos quais nos referimos como sendo, toponimicamente, mais "adiantados". Nomes desse tipo são: Sunchopaso, forte da província argentina de Santiago del Estero (sunc'u é a palavra Kechua para designar arbusto de flores amarelas compostas; de -paso nada podemos dizer, exceto que pode ser a palavra espanhola paso "um passo"); Utcubamba ("planície de algodão"; cf. Kechua ut'k'u "algodão"), nome de um afluente do Marañón, no

(60) N. T. — A etimologia proposta pelo autor é errônea. Melhor seria repetir com Teodoro Sampaio (op. cit.): "Iberá — forma contracta de y-beraba, para significar a água clara, límpida". "Uberaba — corr. y — beraba..."

(61) N. T. — O autor confunde jundiá com jandiá quando na realidade são denominações específicas de determinados gêneros de peixes, o primeiro é o nome de um peixe da família dos Silúridas (e de uma planta labiada) e o segundo nome comum para todos os bagres de água doce.

norte do Peru; Challapata, localidade do oeste da Bolívia (cf. o quíchua c'al'a "folhas de milho" e pata "ribanceira de rio"), etc. De formas simples (não compostas) podemos citar Sunchulli, nome de uma montanha no oeste da Bolívia, que parece derivação do acima mencionado vocábulo Kechua sunchu; mas Sunchales, localidade de Santa Fé, é apenas uma palavra espanhola (derivada de suncho, que, por sua vez, é a palavra Kechua sunc'u); temos também Achiras, localidades de Córdoba, Argentina, de achira (muito provavelmente de origem Kechua), nome espanhol de diversas plantas sul-americanas (no Peru e no Equador, é o nome da cana). Finalmente, temos o bastante duvidoso Virú, localidade ao sul de Trujillo no Peru (a palavra Kechua wiru designa o "bambu" sul-americano — em espanhol cana brava —, mas esse nome pode ser pré-Kechua e nada ter a ver com a palavra Kechua). Esse nome é interessante por ter sido considerado como origem do próprio nome do Peru. Se isto for certo, teremos um exemplo típico do que muitas vezes acontece na história dos nomes de lugar: um lugarejo ou distrito passa a dar seu nome a todo um país. Os espanhóis ouviram falar desse lugar, pelo qual, presumivelmente, se alcançava a entrada do Império Inca, e assim conheceram cedo essa designação geográfica, que se tornou também o nome oficial da nova colônia.

Entre os topônimos nos quais entram nomes de animais, podemos citar os seguintes, muitos dos quais nada mais são do que os nomes dos próprios animais: Tamanduá, nome de serras, rios e ilhas do Brasil, é simplesmente a palavra Tupi para designar o "tamanduá-bandeira" ou "comedor de formigas"; Warumatta, localidade do norte da Guiana Britânica tem possivelmente, conexão com o vocábulo Karib waru, nome de certo felídeo; rio Jacaré, dos quais há muitos no Brasil, é perfeitamente idêntico ao nome comumente usado na América do Sul para designar rios. Rio Caimán (ou Caimanes), isto é, "rio do jacaré" (do Tupi yakare); Tatuquara, no rio Negro, Amazonas, quer dizer "tocas dos tatus" (quanto ao elemento final, cf. Urubuquara, entre os nomes de aves). Lago do Jacaré, Amazonas, é muito parecido com o nome de rio acima mencionado (bem perto há um rio Jacaré). Tapiratiba, nome de uma cidade de São Paulo, é derivado de tupi tapihira (em guarani, tapi'y) "tapir". Jaguaribe, nome de uma localidade da Bahia e de um rio da Bahia, quer dizer "na água" (ou "rio" dos "jaguetês" e Jaguarão, cidade e rio do Rio Grande do Sul, tem mais ou menos o mesmo significado (o final é o aumentativo português) (62). Rio Agua-

(62) N. T. — A etimologia de Jaguarão é discutível, não havendo estudos definitivos.

ray Guazú, no Paraguai, representa vocábulo guarani aguaray "rio da raposa (zorro)" e guasu "grande". Rio Capivari, nome de rios e localidades do Rio de Janeiro, São Paulo, etc., significa "rio da capivara" (cf. a forma Tupi é kapiwara; a forma Guarani kapiywa). Várias localidades do Brasil têm o nome de Canguçu (e.g., no Rio Grande do Sul); essa palavra, que é também usada no português designa uma espécie de felino brasileiro (*Panthera onça*).

Entre os nomes Kechua (ou Aymara) e araucanos, encontramos: Pomarongo, montanha do norte do Chile, do Kechua puma, o "puma ou leão americano"; do mesmo tipo são Pomabamba ("planície do puma"; nomes de rios do Peru e da Bolívia), Pomacata ("ladeira do puma", localidade do Peru), Pomacocha ("lago do puma"; diversas localidades do Peru), Pomacoto ("morro do puma", localidade do Peru), Pomamarca ("cidade do puma", no Peru), Pomamayo ("rio do puma", também no Peru) e finalmente Nevado Pomarape, no norte do Chile; além desses, temos Vicuña, localidade do Chile central, que significa simplesmente "a vicunha ou vicunhas" (isto é, lugar onde há vicunhas) (63). De origem araucana são: Boquete Nahuel Pan, garganta de montanha no território de Chubut, Argentina, cujo elemento média, nahuel, quer dizer "jaguar"; dessa palavra também se derivou Nahuel Huapi ("ilha do tigre"; cf. acima), lago do território do rio Negro, e Nahuel Mapu ("terra do tigre"), nome de um pequeno lago da província de La Pampa. Muitos nomes de origem indígena foram, sem dúvida, traduzidos para o espanhol e para o português, como por exemplo, rio Tigre, nome de diversos rios sul-americanos, e Cerro del Leoncito, na província de Rioja (Argentina).

Mais freqüentemente ainda que os nomes de mamíferos, na toponímia nativa aparecem nomes de aves. Começando pelo norte e pelo este, onde prevalecem nomes de lugares de um tipo primitivo, deparamos com os seguintes: Cunavano, nome de um rio e de uma montanha da Venezuela (Bolívar), não longe do Orinoco, da mesma raiz que a palavra Karib kunawaru, nome de um pássaro (Todus); Curumú, nome de rio na região este da Venezuela e de uma serra do Pará, nada mais é do que o nome Karib do "urubu-campeiro", que aparece freqüentemente na toponímia sul-americana-

(63) Esse nome pode muito bem ter vindo do espanhol — embora *vicuña* seja originalmente uma palavra Kechua (*wik'una*), mas o tipo desse nome é certamente indígena, como o de Gatico, localidade perto da costa norte do Chile, ou Pájaro. El Pájaro, nomes de várias localidades da América Latina (cf. a Introdução para este estudo). 'Jacaré' é o nome de diversos rios e lagos da Argentina, Brasil, Colômbia, Equador, etc.; cf. a Nota 47.

na; Guayana, localidade perto do Orinoco, a este da Venezuela, e Guiana, conhecida região a nordeste da América do Sul, ambas representam, como parece, o nome de um pássaro chamado em Karib wayana (o de um papagaio, *Ara severa*) (64); Vichada, nome de um rio no oeste da Colômbia, lembra a palavra Paez vicha-cue "pássaro", mas a localização do rio dificilmente pode-se dizer que coincide com o atual território Paez; Cotinga, nome de um rio do Pará (Brasil), representa o Tupi kotinga, pássaro de penas brilhantes (esse nome é também usado em português, cotinga); Warranuri, localidade à margem de um pequeno rio da Guiana Inglesa, contém elemento nominal Karib wara, um ibis. O nome Guarani do "urubu campeiro", yryvu (corresponde ao Tupi urubu, que também é usado em espanhol e em português), entra em grande número de topônimos de origem indígena no Brasil. O rio Urubu é afluente do Amazonas, enquanto que Urubuquara, que quer dizer "buraco ou cova do urubu-campeiro", é o nome de diversos rios e lagos no Estado brasileiro do Pará (65). Podemos também, é claro, ligar a esses nomes acima relacionados o nome da montanha Tonoro, na Venezuela. O nome do rio Jacundá, pequeno rio entre os estuários do Amazonas e do Pará, parece derivado do guarani jaku (66). Inhambupe, localidade da Bahia, quer dizer "no lugar das perdizes" (em guarani ynambu). Jacu, Jacuí e Jacuípe são todos nomes de lugares e de rios em diversas regiões do Brasil (Bahia, Rio Grande do Sul, Minas Gerais) e são derivados do acima mencionado vocábulo Tupi yaku. Garaúna, localidade do Paraná (tira seu nome, possivelmente, do Guarani (ou Tupi) karau (pássaro proverbial por sua plumagem negra, que no português do Brasil é conhecido como caraúna ou graúna). Do mesmo modo, o lugar chamado Tietê (rio e cidade de São Paulo) é idêntico ao tietê do português do Brasil (Tupi, tiete), nome de uma ave canora (67). Um nome divertido é Salto do Urubupungá, na fronteira entre os Estados brasileiros de São Paulo e Mato

(64) A grafia inglesa *Guiana* pretende evidentemente representar o espanhol *Gauyana*, mas, mediante uma inusitada "hipercorreção", a pronúncia do *i* como o *e* longo inglês (no lugar do *i* longo tornou-se comum). Por estranho que pareça, John S. Kenyon e Thomas A. Knott em sua obra *A Pronouncing Dictionary of American English*, dão '*Guiana*' como a pronúncia espanhola do nome, forma que evidentemente não existe nessa língua.

(65) Esse nome é muito parecido com o Kechua Condorhuasi (Condorhuasi), nome de um fco em Catamarca (Sierra de Aconquija), de uma colina em Ancachs (Peru) e nome de várias localidades no nordeste da Argentina e do Peru.

(66) N. T. — Teodoro Sampaio (op. cit.) propõe: "corr. ya-cundá — indivíduo retorcido ou travado. É um peixe fluvial, vagoroso..." Para Aryon Rodrigues: provém do Tupi yakuna.

(67) N. T. — Etimologia ainda não definida.

Grosso; esse nome é evidentemente Tupi e parece significar 'do inchado, obeso ou mesmo dispéptico urubu-campeiro' (cf. as palavras Tupi urubu, Guaraní yryvu e Tupi pungá, respectivamente) ⁽⁶⁸⁾. Na região oeste encontramos os seguintes: Cordillera del Cóndor, cadeia de montanhas entre o Equador e o Peru, do nome do conhecido abutre andino (em Kechua kuntur). Ao sul de Lima (no Peru), encontramos, na baía do mesmo nome, um lugar chamado Pisco, evidentemente do Kechua pisqu 'pássaro'. Outro nome de ave aparece talvez em Tocopilla e em El Toco, localidades ambas do norte do Chile; o primeiro pode ser um composto do vocábulo Kechua tuku 'coruja', ao último, possivelmente, significa apenas 'a coruja ou as corujas' ⁽⁶⁹⁾. Os nomes de rio Pilcomayo e Pilcopata, — o primeiro, rio limítrofe entre a Argentina e o Paraguai; o último, rio do sudeste do Peru — vêm ambos do Kechua pil'qu, nome de um pássaro de penas vermelhas (a tradução dos nomes é, respectivamente, 'rio do pillco' e 'ribanceira do pillco'). Finalmente, temos alguns nomes araucanos que contêm o nome Mapuche do 'urubu-campeiro' (traru) Trarú Lauquen (lago de La Pampa, Argentina) quer dizer 'mar do urubu-campeiro' e Trarú Rucá (no território de Chubut), 'a casa (lugar) do(s) urubu(s)-campeiro(s)'; comparem-se com o último nome Urubuquara e o quíchua Condorhuasi, de que nos ocupamos acima.

Talvez se devesse relacionar aqui — de um ponto de vista puramente toponímico — dois nomes que são bastantes análogos a esses de que agora falamos, isto é, Talcahuano, o porto de mar do sul do Chile, em La Concepción, e Ushuaia, na Terra do Fogo e ao mesmo tempo a localidade mais meridional do mundo (agora usada como penitenciária). O significado de Talca — nós desconhecemos (Talca é nome de uma cidade e província ao sul de Santiago, Chile, mas a interpretação proposta desse nome com o sentido de 'trovão' em araucano não é bastante convincente); o elemento final, contudo, é a conhecida palavra 'guano' (do Kechua wanu), fertilizante que é coletado nos locais onde bandos de aves marinhas se reúnem em grande número; e, desde que a palavra uswaya tem o mesmo sentido na língua yamana (ou yahgan), há razões para pensar que ambos esses nomes se referem a condições ornitológicas muito semelhantes.

(68) N. T. — Teodoro Sampaio propõe: "Urubupungá, contração de urubu-pungaba, o grasnar dos urubus" (op. cit.).

(69) Também em espanhol deparamos com nomes como El Pájaro ('o pássaro'); cf. a Nota 43. É incerto se o nome Tucumán (província e capital provincial da Argentina) provém da mesma raiz — tuku.

Muitos nomes de rios, como vimos acima, contêm um elemento que denota certa espécie de peixe que vive ou é pescado nesse determinado rio e que, além do mais, muitas vezes é também designação do 'peixe' em geral. (Incidentalmente, os rios que são pobres de peixes são muitas vezes chamados de "aziagos" e designados pela palavra tupi panema — em guarani pane — com esse sentido, que temos visto nos nomes dos rios Paranapanema, Curua-panema, Cuminapanema, acima) ⁽⁷⁰⁾. Por analogia com o que temos visto nas seções precedentes, poderíamos esperar que o nome do próprio peixe se torne designação do rio ou lago. Mas já que os rios, provavelmente, precedem os outros conceitos geográficos como tais que suas designações são mais individuais (como pelas terminações -y e -mayu, etc.; cf. acima). O nome de lago e de rio Pirarara, no Amazonas, parece, contudo, não ser nada mais do que o Tupi pirarara, grande peixe comestível. O mesmo elemento entra em Piraiuara (lago e afluente do Madeira, no Amazonas), Pirayba (localidade no Madeira), Piraju e Pirajuí (cidades de São Paulo), Pirapora e rio Pirapó (rios e localidades de São Paulo, Minas Gerais e Paraná), Piratinim (localidade do Rio Grande do Sul) e Piratinin-ga (lago do Rio de Janeiro). Piranhaquara, localidade do Pará (Brasil), tira seu nome de um peixe voraz (o nome desse peixe no português do Brasil, piranha, corresponde à pronúncia tupi dessa palavra que, em guarani é pirai; quanto ao elemento final, cf. Tatuquara, Urubuquara, acima) ⁽⁷¹⁾. O lago Chalgua, no norte do Peru, toma seu nome da palavra Kechua para 'peixe' (cal'wa) e é assim inteiramente análogo ao acima mencionado Pirara, do Brasil. Challuanca, localidade nas montanhas a oeste de Cuzco, tem seu nome derivado da mesma raiz (provavelmente, em sua origem, nome de rio).

Como temos visto em diversos dos nomes relacionados nos parágrafos precedentes, os nomes de plantas ou de animais são muitas vezes providos de determinados sufixos. Na verdade, em grande número de casos, se não na maioria deles, os indígenas usam em sua designação de lugares um indicador locativo, uma terminação que corresponde a uma das nossas preposições 'em', 'no', 'na', etc., como quando dizemos 'no Peru', 'em Santiago', 'no rio Amazonas', etc. No uso entre os índios prevalecia essas cons-

(70) N. T. — A propósito, leia-se o estudo de Roberto da Matta: "Panema — uma tentativa de análise estrutural", em *Ensaio de Antropologia Estrutural*, Petrópolis, Editora Vozes, 1973, p. 63-92.

(71) Rio das Piranhas, rio da Paraíba e Rio Grande do Norte (Brasil), transmitem a mesma idéia.

truções, especialmente desde que as designações de lugares na da mais são do que a- substantivos comuns (cf. os parágrafos introdutórios), mas enquanto estamos cômnicos do caráter independente das preposições e assim damos o nome respectivamente como 'Peru', 'Santiago', '(o)Amazonas', etc., os índios nunca pensariam em pronunciar o nome do lugar sem o sufixo e os primeiros europeus que receberam os nomes indígenas não teriam consciência da presença de qualquer elemento sufixial que deveria ter sido destacado, quando adotaram tais formas como nomes oficiais. Os sufixos são de diversas espécies e diferem consideravelmente nas diversas línguas; parecem muito mais comuns na região este (onde, como dissemos, a natureza comum dos nomes é ainda mais perceptível) (72).

O sufixo -bo (originalmente -po) pertence às línguas Aruak e Karib, encontrado em Maracaibo, localidade no golfo do mesmo nome, entre a península Goajira (Colômbia) e a Venezuela (não consideramos aqui o sentido do nome em si, que deve ser de origem aruak ou Karib; — a região é originalmente mais Aruak, mas depois foi ocupada pelos motilones, que são Karib) (73). Encontramos o mesmo sufixo nos nomes dos rios Essequibo (Güiana Inglesa), Paramaribo, (Güiana Holandesa), Iraacoubó (Güiana Francesa), todos nomes de origem Karibe, provavelmente; temos ainda Cormontibo, localidade da Güiana Francesa. Do mesmo tipo que esse -bo é provavelmente o sufixo -mo, em Bayamo, cidade na região oeste de Cuba (cf. Bayamón, em Porto Rico, no qual -mon representa uma posição comum, com o sentido de 'em', nas línguas Aruak) e talvez em Salina de Coamo, em Porto Rico.

Um locativo comum é -pe (ou -be, -ve), usado como uma posição no Tupi (correspondendo a 'em', 'no', 'na', etc.): Jaguaribe, cidade e rio do Ceará, Brasil ('no rio do jaguar'); Jacuípe, nome de um rio da Bahia e de outro que separa os Estados de Alagoas e Pernambuco ('no rio do jaeu'); Jaguaripe, rio e localidade da Bahia (com o mesmo sentido do acima mencionado Jaguaribe); Itaípe, rio da Bahia ('na pedra pequena'); Araripe, serra e localidade do Ceará ('no centrilobios', nome de planta); Itapemirim, rio e localidade do Estado do Espírito Santo ('na pedra pequena').

(72) Cf. também no tocante a isso *Indian Place Names in North America*, pp. 23 sqq. — Como sufixos gerais de lugar, as formas em *k* são encontradas na América Central e na América do Norte, mas estes raramente são representados nos nomes de lugar da América do Sul.

(73) O autor ouviu esse lugar mencionado pelos índios goajiro como *Marakaya*, isto é, sem o sufixo de lugar.

Como elementos locativos, provavelmente, teremos de entender as terminações -cu (como em Sibanicú, localidade interiorana da região leste de Cuba; cf. o nome de tribo Siboney, primeiros habitantes de Cuba, e o Aruak siba 'pedra, rocha', bem como, quanto à terminação, o nome cubano de planta cubanicú); -ca (como em Jamaica — cf. o nome de tribo Yamaye, divisão dos arawaks que habitam essa ilha — e o nome de lugar, em Porto Rico, Guanica, que, possivelmente, pode conter a mesma terminação); -go (como em Tobago, a ilha inglesa a este de Trinidad; e, finalmente, -nacán (como em Cubanacán, uma cadeia de montanhas — formando parte da Sierra de Escambray — na província de Las Villas, centro de Cuba; este nome quer dizer 'no meio da terra', cf. Arawak (a) nakan 'meio, centro'). Todas essas terminações lembram sufixos locativos usados nas línguas ameríndias (cf. Mexican Xochimilco, Caja-ca, Coyoa-can, etc.)

Na região oeste — que coincide grandemente com as áreas de cultura Kechua, Aymara e Araucana — são raros os nomes locativos ou são de algum tipo diferente. O nome Hualgayoc (cidade provinciana do norte do Peru) parece derivado da palavra Kechua wal'qa, um 'colar' ou 'necklace', e yoc quer dizer aproximadamente, 'tendo' ou 'provido de' (ao que o nome se refere originalmente não podemos dizer); deste tipo de nome deveremos tratar adiante. Alguns dos sufixos dos nomes Kechua são obscuros ou talvez explicáveis como afixos obsoletos ou como resíduos pré-Kechuas; desse tipo temos, por exemplo, -nca, como em Jayanca (cidade do norte do Peru), o já mencionado Challuanca (perto de Cuzco), etc. (74)

Grande número de nomes geográficos da América do Sul e das Antilhas, assim como da América do Norte são originalmente nomes tribais. A tribo, é fora de dúvida, teria o mesmo nome do rio em cujas margens vivia ou também trecho de costa, planície ou montanha onde habitasse permanentemente. Nesse caso, o nome da tribo recai em alguma das categorias das quais nos ocupamos acima: os Tamanaco viviam às margens do rio do mesmo nome, na Venezuela (cf. acima), os Pampa (ou os verdadeiros Tehuelche) nas planícies argentinas (pampas) da Patagônia e os Tembe, tribo do Brasil, em diversos rios perto da costa norte e do estuário do Amazonas (o Tupi tembe 'lábio', tembe'y' margem do rio, ribanceira),

(74) Note-se que esse -ka — embora não usado em Kechua — é uma posição comum nas línguas americanas dos índios, muitas vezes usada em nomes de lugar; cf. o mexicano *Oajaca*, etc. e o trabalho acima mencionado do autor sobre os nomes de lugar norte-americanos (pp. 22 e seg.).

(75). Por outro lado, as tribos podem ter suas próprias designações como tais e, nesse caso, os rios, os vales ou outro lugar qualquer podem ser designados pelo nome da tribo. É característico de muitas sociedades "primitivas", pelo menos na América, chamar sua tribo apenas de 'o povo' (76). Isso acontece quando os índios Kechuas falam de si próprios como os runa, runacuna (runasimi = Kechua, 'língua do povo'). Os topônimos seguintes também são nomes de tribos: Goajira (Guarira), nome de uma península e território da Colômbia; o nome, provavelmente, é idêntico ao de La Guáira, aeroporto de Caracas; do nome de uma tribo Arawak (77); Aruba (em espanhol também Oruba), a ilha holandesa, perto da Venezuela, caso seja originalmente idêntica a Aruak ou Allouague (78); Cumaná, localidade da costa leste da Venezuela (da tribo Karib do mesmo nome, que também é chamada de Cumanagoto, 'a língua dos kumana'); Rio Caribe, na Península de Paria, Venezuela; Guiana (cf. acima); a tribo Karib que habita a região também chamada de wayana (79); Pasto, cidade no sul da Colômbia (também nome de uma tribo Barbacoan); Duitama, localidade da Colômbia (na realidade, idêntico

(75) Em geral, na semântica ameríndia, 'boca, dentes, lábios', etc.

(76) Contudo, os europeus não têm razões para se sentirem superiores a este respeito: a importante tribo dos Teutões era conhecida por essa mesma designação (*Teutones* = 'povos') e ainda hoje a Alemanha é conhecida como *Alemania*, *Allemagne*, etc. Em gótico alamanos, 'todos os homens, todo o povo' (latinizado para *Alamanni* ou *Alemanni*).

(77) Supõe-se que esse nome seja o Goajiro *wa'iru*, com o sentido de 'amigo'; os índios Goajiro chamam-se a si mesmos ou de *wayu* (provavelmente significando algo como 'nós mesmos') ou ainda pela designação espanhola *wahir* (*u*) '*guajiro*'. Guajiro em espanhol também quer dizer (por analogia com muitos outros nomes de tribos indígenas) 'uma pessoa rústica' em geral; cf. o espanhol *jíbaro*, o português *xibaro*, de sentido semelhante. Aparecem na toponímia: Jíbaro (Cuba), Jeveros ou Jeberos (Peru), Xibaru (Brasil). N. T. — Aurélio Buarque de Holanda (PDBLP) anota: Xibaro — (Bras., Paraná) — Mestiço de caboré e negro.

(78) Possivelmente do Aruak *arua* 'tigre, jaguar'; cf. a designação *Kogi* 'tigre', autodenominação dos membros da tribo Kaggaba, da Colômbia (veja-se Gerardo Reichel-Dolmatoff, *Los Kogi* (Bogotá, 1950), p. 26). No Aruba, contudo, os nativos eram chamados comumente de Caquetio, nome que também tem sido usado para tribos venezuelanas da costa caribe.

(79) Esta tribo, de fato, tem muitos nomes, que parcialmente dependem de uma confusão de dois diferentes nomes de tribos não ligados em sua origem: os oayana (*wayana*) e os uruciana (*rukuyen* ou, como é pronunciado pelos negros de Surinam, *alukuyana*); esse último nome está, muito provavelmente, ligado com outro nome de tribo, isto é, o dos lucayans, habitantes arauaque das Bahamas, e possivelmente também base do nome de lugar Cayenne.

ao nome Chibcha de tribo Duit); Puracé, vulcão do sul da Colômbia (cf. o nome de tribo Purase, ramo dos paez); Mocoa, outra localidade da Colômbia (os Mocoas); Achagua e Achaguas, cidades do interior da Venezuela (Achagua — tribo que vive no Orinoco); Maipures, Venezuela (nome de tribo Aruak Maipuré); Yauapery (ou Jauapiri), rio do norte do Amazonas (nome de tribo Karib Yauaperí); Rio Xibaru, um afluente do rio Negro, Amazonas, e Xibaru, localidade de Alagoas (os índios jivaros vivem no que foi outrora o interior do Equador e, por um tempo, foram temidos como caçadores de cabeças); jíbaro em espanhol é, contudo, nome de qualquer índio selvagem ou pessoa rústica; Rio Purus, o importante tributário do Amazonas (cf. o nome de tribo Aruak purupurú); Rio Jamary (Jamari), um afluente do Madeira (neste rio vive, ou viveu, uma tribo isolada, chamada Yamará); Llanos de Mojos, e a província de Mojos, Bolívia (cf. o nome de tribo Aruak moxo); Rio Baures, na Bolívia oriental (cf. a tribo Aruak Baura); Rio Iténez, outro nome do rio Guaporé, (o nome de tribo Iten, plural de Itenes); Rio Cautário — há pelo menos três rios com esse nome no Brasil (o nome de tribo Kautario ou Kumana, no território de Rondônia); Ilha dos Tupinambaras (ou ilha Tupinambara), formada pelo Amazonas e um de seus braços, na confluência com o Madeira (a grande tribo da família Tupi-Guarani dos Tupinambá, que viveu ao longo da costa do Atlântico); Serra dos Parecis (ou Paricis), nome de uma serra no Mato Grosso e no Território de Rondônia, e rio dos Parecis, no mesmo Estado (paressi é nome de uma tribo Aruak); Curuá, um afluente do Xingu, no Estado do Pará (tribo guarani kuruyaya); Tapajós, o importante tributário do Amazonas (nome de tribo Tapajós); Goiás (antes também Goyás), nome de um Estado do Brasil (evidentemente idêntico ao nome de tribo goyá, que é uma divisão do tronco Je de índios); Xavantes (nome de tribo Je), rio e serra de Goiás, e também nome de uma localidade em São Paulo.

Seguindo a costa do Pacífico na direção sul, a partir do Istmo de Panamá, encontramos os seguintes nomes que, na sua origem, são nomes de tribos: Chocó, nome de um território da Colômbia (aludimos acima ao nome de tribo Choco e à localidade de Noanamá, às margens do rio San Juan, nome esse que pode, talvez, ser corruptela de um nome de uma tribo Choco, isto é, a Waunana); Guapí, rio e localidade próximos à costa sudeste da Colômbia (Guapí é o nome de uma tribo Barbacoan); Piusbi, rio não muito distante do anterior (tribo Barbacoa Pius); Rio Cayapas, do norte do Equador (do grupo Kayapa dos índios Barbacoa); Tumaco, localidade na costa da Colômbia, perto da fronteira equatoriana (tribo Barbacoa do mesmo nome); Tumbéz, cidade na costa norte do Peru (também nome de uma tribo

isolada); Cajamarca e Cajamarquilla, cidades do norte do Peru (tribo Kechua dos kasamarca; o nome em Kechua — qasamarca — parece significar 'aldeia fria'); Chachapoyas, cidade no norte do Peru (nome Kechua de tribo chacha ou chachapuya); Huánaco, província e capital provincial no centro-norte do Peru (huanuku, tribo Kechua); Huamachuco, localidade conhecida na história, no norte do Peru (huamachuku, outra tribo Kechua); Atacama, nome de um imenso deserto e de uma província no norte do Chile (nome também de uma tribo isolada; quanto a esse nome cf. mais adiante); Chiloe, grande ilha, arquipélago e província do sul do Chile (o nome tribal Chilote); Chonos, nome de um arquipélago mais ao sul (habitado pela tribo chono); Cauahua, ilha no arquipélago Chonos (o nome de tribo Kaukahue). O próprio nome Chile pode ter sido, originalmente, nome de tribo. Os araucanos chamavam a sua língua de chilidugu 'a língua dos chili', mas, além do acima mencionado nome de ilha Chiloe (e chilote), parece não ter sido encontrado indício de tribo com esse nome) ⁽⁸⁰⁾.

Traços de atividades humanas, de desenvolvimento social, comércio e administração, etc., são relativamente poucos dentro da América nativa. Isso vale especialmente para as regiões orientais da América do Sul. No oeste, onde floresceu a civilização Kechua, encontramos maiores traços de tais características. Contudo, entre os índios Chibcha, grupo sub-andino, há nomes como Bogotá (capital da Colômbia), cujo último elemento (-ta) significa 'campo cultivado' na língua Chibcha. Encontramos o mesmo sufixo em Cúcuta (capital provincial no norte da Colômbia), em Chipata, Chocontá e, possivelmente, em Facatativá, todas cidades ou províncias da Colômbia.

O nome Carioca, que se tornou tão famoso como designação dos habitantes do Rio de Janeiro, originalmente não se restringia a esse sentido; é o nome de várias serras e rios, geralmente próximos do Rio de Janeiro. Uma lenda diz que o rio Carioca, do Rio de Janeiro, tinha a propriedade de dar beleza à mulher assim como voz para os cantores entre os índios da tribo Tamoio (grupo Tupi), que viviam no Rio de Janeiro e São Paulo. Em tupi karioca significa um 'mestizo' (sentido este que pode ser, contudo, secundário) e o Carijô,

(80) Pode-se pôr em dúvida se esse nome não vem originalmente do Kechua: *chiri* quer dizer 'frio' e seria designação das províncias mais meridionais do Império Inca, onde o clima era frio e úmido. Esta explicação do nome Chile não é nada mais do que uma provável adivinhação (sempre se sugeriu que esse nome vem do Aimara *chilli*, com o sentido de 'a parte mais baixa, o fim do mundo'). Algo mais realista seria uma comparação com vários nomes de rio Chile (ou Chili) — que pode muito bem corresponder à acima mencionada palavra Kechua que significa 'frio' — no Peru, Bolívia e Chile; existe até um Chile Chile, nome de um pico andino perto de Cuzco.

outra divisão do citado grupo que também habitava a costa brasileira, pode, realmente, derivar seu nome da forma original karioka. Nenhuma etimologia aceitável desse nome parece ter sido sugerida, mas é provável que seu último elemento possa ser a palavra tupi oka (em guarani oga, o) 'casa' ⁽⁸¹⁾.

Na região oeste da América do Sul, particularmente na região andina e ao longo da costa, são muito comuns os sufixos que, como parte integrante de um topônimo, podem ser traduzidos como aglomerados humanos, local de concentração, etc. Entre esses encontramos primeiramente todos os terminados em -marka, que é a palavra Aymara para significar 'aldeia' ou 'pueblo'. Cajamarca e Cajamarquilla ('pequena Cajamarca'), que já mencionamos e comentamos antes (quanto à parte inicial, cf. Cajabamba, um pouco ao sul, que corresponde ao Kechua qasapampa 'planície fria'). Temos também Catamarca, capital da província da mesma denominação na Argentina; o nome quer dizer 'aldeia da encosta da montanha' (em Kechua q'ata) ⁽⁸²⁾. Como primeiro elemento encontramos a mesma palavra em Marcapata (rio e distrito do Peru). Idêntico sentido que o de marka é transmitido pela palavra Kechua q'atu 'mercado (lugar do)', encontrado como sufixo em Tupungato, agora nome de um vulcão extinto na província de Mendoza, Argentina. O sentido desse nome é duvidoso, já que o primeiro elemento — se for palavra Kechua — pode apenas significar certa unidade ou medida. Mais evidente é o significado da palavra tambo e do grande número de nomes na qual ela entra: trata-se do tambo Kechua; originalmente nome de um 'acampamento dos incas' é atualmente usado para designar uma 'hospedaria'. Esse nome ou é usado sozinho, como em Tambo, encontrado tanto como nome de rio (ao centro do Peru, no sul) e como nome de lugar (cf. Tambo Grande, no norte do Peru, perto da fronteira do Equador), ou como primeiro ou último componente de diversos nomes: Paucartambo, rio, cidade e província do Peru (Cuzco e Junín; com esse nome, cf. Paucarbamba, Paucarcocha, Paucarcolla,

(81) N. T. — Frederico Edelweiss ao cuidar da etimologia de carioca ensina: "O nome da taba Kariauc, um dos que Léry menos estropiou, significava efetivamente casa(s) do(s) carijó(s), como lhe informou há quatro séculos, quem, muito bem conhecia o meio e a língua". (Anchieta), In "Os topônimos indígenas do Rio de Janeiro quinhentista", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 275, p. 102, abril-jun., 1968.

(82) A cidade encontra-se ao pé da Serra de Ambato. O nome Cundinamarca, departamento da Colômbia, cuja capital é Bogotá, é mais duvidoso. Poder-se-ia esperar, *a priori*, que fosse um nome Chibchan, mas qualquer que seja a sua origem, parece bem possível que a forma desse nome tenha sido influenciada pelos nomes quíchuas do tipo acima mencionado.

Paucamarca, lugares todos no Peru, sendo a palavra paukar designação de 'cores vivas'); Tambobamba, nas montanhas perto de Cuzco (Kechua tampupampa, a 'planície do tambo'); Tambopata, nome de diversas localidades do Peru; Ollantaytambo, lugar onde foram encontradas importantes ruínas do tempo dos incas (o nome designa o campo de 'Ollantay', chefe militar do qual muito se fala na tradição e na literatura); Cajatambo, cidade abaixo de Cerro de Pasco e ao norte de Lima (o significado é 'o campo frio'; cf. Cajamarca e Cajabamba, acima ⁽⁸³⁾).

Um nome interessante, que parece ser do tipo acima, é Pachacámac, lugar da costa, algumas milhas ao sul de Lima, onde está situada importante jazida arqueológica. O nome é formalmente idêntico ao de um deus, Pachacámac, considerado criador e deus principal pelos antigos peruanos, mas pode, na realidade, conter o mesmo sufixo que encontramos em Atacama (note-se que também no Chile, em Valparaíso, há um lugar chamado Pachacama). O nome Atacama em si é nome de tribo, dado pelos peruanos para uma nação que se auto-denomina Licantai (do Atacama lican 'aldeia?') e fala uma língua não relacionada (Cunza ou Changó). O nome nativo da tribo ocorre, provavelmente, em Licancaur, vulcão do deserto de Atacama, cf. também Licantén, localidade mais para o sul do Chile). Pachacama e Atacama podem ser originalmente nomes de povos, onde -cana pode ser um sufixo coletivo usado em Kechua.

Na Colômbia, encontramos uma cidade Zipaquirá, que deriva seu nome de uma classe de altos oficiais Chibcha, o zipa, chefe de Bogotá. Nomes que indicam atividades humanas talvez também o sejam Orinoco, Urabá e Chocó, que mencionamos em outro parágrafo ao tratarmos dos nomes de rios. Por outro lado, nomes que denotam uma área habitada ou um país são, provavelmente, excepcionais. Cuba, ao que parece, pertenceria a essa categoria. Deve ser uma palavra Aruak que significa terra (akoba, "campo" ou "terra" no dialeto da Guiana. A designação pode corresponder preferivelmente à de 'terra firme', em relação à quantidade de ilhas menores no meio das Antilhas.

Ao tratar de nomes que têm ligação com o elemento humano, podemos mencionar finalmente o algo misterioso Ayacucho, nome

(83) N. T. — Tambo é vocábulo de largo uso na América do Sul, com variada significação. O *Diccionario Enciclopédico V.T.E.H.A.*, v. IX (México, 1952) registra: "tambo (del quichua tampu) masc. En Colombia, rancheria aislada / En Chile, chingana, casa de diversión, burdel / En Peru, reunión de negros en diversión desordenada de canto y baile. / En los países andinos y Venezuela, mesón, posada modesta. / En los del Plata, lechería o establo para ordeño de vacas".

de uma província e capital provincial no Peru central ⁽⁸⁴⁾, e Ayabaca, cidade e província no norte do Peru, não longe da fronteira do Equador. O sentido de cada um desses nomes parece idêntico: Kechua ayaq'ucu 'canto dos corpos mortos' e ayapaka 'esconderijo dos corpos mortos', respectivamente; esses nomes parecem indicar cemitérios — Kechua ayawasi 'casa do morto' é equivalente a 'túmulo', mas não podemos ter certeza a respeito do verdadeiro significado desses nomes de lugar. Em relação ao último nome, por exemplo, temos de considerar também o nome de tribo Ayabacas ou Ayahuacas, que outrora opuseram valente resistência ao inca Tupac Yupanqui. Mais evidentes são os nomes com o elemento huaca, que é a palavra Kechua para significar qualquer 'lugar ou objeto sagrado' (um 'templo' ou 'túmulo', etc.), como em Humahuaca, localidade da província argentina de Jujuy, e Punta Huacas, na península Paracas, ao sul de Lima (o primeiro também é nome de tribo, cujo sentido é duvidoso; se for quíchua, deve querer dizer 'huaca da cabeça'; se for aimara, a 'huaca das águas').

Antes de terminar o estudo desse tipo de nomes, mencionaremos alguns que têm a aparência de nomes fantasiosos. Por essa designação, não de todo satisfatória, queremos analisar nomes que não se encaixam nos moldes conhecidos, mas representam o elemento individualístico na toponímia (como grupo, contudo, esses nomes não têm traços distintivos cientificamente aceitáveis; além do mais, os limites a serem traçados entre esses nomes e os do tipo comum são, na verdade, flutuantes, sob todos os pontos de vista). Mencionamos já alguns nomes "fantasiosos" (cf. Cuñapiru, Paysandú, acima); outro desse tipo é Tacurú Pucú, localidade do Paraguai, cuja interpretação é 'alta colina de formiga' em Guaraní (não é na realidade uma verdadeira 'colina da formiga' mas monte de barro). O "fantasioso" consiste no uso metafórico dessa palavra ⁽⁸⁵⁾. Nomes metafóricos é possível que se encontrem em larga escala na toponímia européia (ou não indígena). Estamos acostumados a con-

(84) Esse lugar é conhecido na história do Peru pela vitória aí conseguida (em 1824) por Antonio José de Sucre sobre o exército espanhol, acontecimento que pôs um fim ao domínio espanhol na América. O nome Puerto Ayacucho, na Venezuela, naturalmente, foi assim chamado como lembrança da importante batalha e o mesmo pode valer em relação a diversos outros Ayacuchos.

(85) Com relação à metáfora, ela é de um tipo não esporádico; basta que pensemos no português 'Pão de Açúcar', que aparece como nome de montanhas no Brasil, entre os quais é famoso a pedra, de formação tão característica, à entrada da Baía da Guanabara (nomes análogos são igualmente comuns na toponímia inglesa).

siderar os índios essencialmente como um povo prosaico, mas a suposição de que as metáforas estão ausentes dos nomes de lugar das populações nativas da América é evidentemente um engano.

Tratamos da toponímia sul-americana nativa nos parágrafos precedentes, em relação a tribos e línguas que podem ser identificadas com certa segurança como pertencentes a um ou outro dos importantes troncos linguísticos. Em muitas regiões, contudo, encontramos nomes que contêm aparentemente elementos vocabulares que até agora escapam a uma melhor interpretação, quer devido ao nosso relativamente limitado conhecimento dos vocabulários das respectivas línguas, quer ao fato de a toponímia ser, em determinados casos, muito mais antiga do que as línguas faladas, representando muitos nomes um estrato lingüístico que se tornou obsoleto ou, na melhor das hipóteses, sobrevive em línguas ainda não estudadas suficientemente ou ainda nem sequer estudadas. Nesses casos, é claro, nunca poderemos contar com interpretações corretas e definitivas. Contudo, citaremos agora alguns elementos que parecem se repetir e serem característicos de determinadas regiões do continente sul-americano, sem nos aventurarmos a dizer coisa alguma em relação a sua interpretação ou proveniência. Em alguns casos, contudo, encontram-se traços de elementos que podem ser usados em qualquer das línguas conhecidas, embora numa função diferente da que encontramos na toponímia.

Entre os elementos toponímicos que se repetem com alguma freqüência nas regiões caraíbas e amazônicas encontramos, por exemplo *mara*, como em: Maracá, grande ilha perto da costa atlântica, no território brasileiro do Amapá (cf. Maracaibo, na Venezuela — de que falamos acima — Maracay, rio e localidade do norte da Venezuela, e Maraca, rio da Colômbia, departamento de Magdalena); Marajó, outra grande ilha, no estuário do Amazonas (quanto ao elemento final, cf. adiante); Marapanim, rio e localidade do Pará, Brasil, Maracassumé, rio e ilha do Maranhão, Brasil; Marañón (espanhol) ou Maranhão (português), nome de vários rios e lugares, especialmente o de um no curso superior do Amazonas e o de um Estado brasileiro; Maranguape, no Ceará (evidentemente, nome Tupi; quanto ao sufixo, cf. Mamanguape, rio e localidade da Paraíba); Marahuaca (ou Maraguaca), montanha do sul da Venezuela; Marari e Marauíá, rios do Amazonas, Brasil⁽⁸⁶⁾. Um elemento análogo é *guana* ou *huana* (é provável que pronunciado originalmente *wana* pelos índios), que é muito co-

(86) N.T. — As ponderações do autor a respeito de *mara* parecem incorretas, deixando lugar a inúmeras dúvidas.

num no norte da América do Sul e especialmente nas Antilhas: Chiriguana, localidade do norte da Colômbia, não longe da fronteira com a Venezuela; Guanaguana, localidade da Venezuela (Nonagas); Guanare, rio e capital de estado na região oeste da Venezuela; Guanape, localidade da Venezuela (Anzoátegui); Bayaguana, localidade da parte oriental da República Dominicana; Guanahani, nome nativo de San Salvador, nas Bahamas, a primeira terra vista por Colombo no Novo Mundo; Mariguana, outra ilha das Bahamas; Guana Key, nas Exuma Islands, Bahamas; Guanahacabiles, península na região este de Cuba; Guanajay, localidade um pouco a este de Havana; Guanabacoa, subúrbio de Havana; Guanabo, rio e localidade da costa este de Havana (essa terminação é quase certamente o mesmo sufixo locativo encontrado, e.g., em Maracaibo); Guanaja, localidade da costa nordeste de Cuba. De maior importância ainda é o sufixo *-gua* (*-hua*), que é extremamente comum nas línguas dos troncos linguísticos Aruak, Chibcha e Guarani (ocorrendo, provavelmente, em alguns mais). O sentido deste sufixo é bastante vago e, além do mais, levemente diversificado nas diferentes línguas; em Guarani, muitas vezes designa os 'habitantes' de um lugar. Desse tipo de nomes temos: Casigua, cidade na região oeste da Venezuela; Cauaguá, pequeno afluente do Orinoco e laço da Venezuela oriental, assim como localidade da Colômbia (cf. Cauca, nome de um rio da Colômbia); Achaqua e Achaguas, localidades da Venezuela (cf. acima); Inagua, uma das maiores ilhas das Bahamas; Cumanayagua, localidade do centro de Cuba (cf. Cumaná, na Venezuela, originalmente nome de uma tribo caraíba); Mayaiigua, localidade do centro de Cuba (cf. Mayaquiez, em Porto Rico?); Puerto de Juraquá, pequeno rio e localidade na região este de Cuba; Caguaguas, localidade de Cuba (Santa Clara; cf. Cagua, localidade da Venezuela); Jagua, Sagua la Grande e Sagua la Chica, todos rios, lugares ou cidades de Cuba.

Parú, no antigo caribe, tinha a significação de água e rio. O vocábulo continua, entretanto, absolutamente vivo na corografia paraense, verificando-se, até, uma duplicata de nomenclatura, uma vez que, com aquele único vocábulo, se denomina não só ao rio, afluente da margem esquerda do Amazonas, que desde das faldas da serra de Tumucumaque, divisória entre o Brasil e parte do território guianense, vindo lançar-se ao Amazonas nas proximidades da atual cidade de Almerim — a antiga Parú da cartografia histórica seiscentista da Amazônia — como ainda ao outro rio, da bacia do Trombetas, um dos formadores, juntamente com o Marapí, do rio Cuminá, afluente da margem esquerda do próprio Trombetas, fato que, no sentido de evitar confusões, levou os geógrafos a denominarem —

ao Parú, afluente do Amazonas, de Parú de Leste; ao Parú, formador do Cuminá, de Parú de Oeste.

Tunã, igualmente, o vocábulo que, no caribe moderno, significa água, rio, designa, também, um pequeno igarapé, afluente da margem direita do Cuxaré, tributário da margem esquerda do Marapí.

O vocábulo ári também significa, de maneira geral, água e rio. Há, entretanto, na corografia amazonense, um rio, afluente da margem direita do Purús, que tem a denominação de Ári.

No quêchua o vocábulo iáco significa, também, água, rio. Vêmo-lo, entretanto, na toponímia brasileira, denominando o conhecido afluente da margem esquerda do Amazonas — o Iáco.

Em diversos dialetos aruacos, água e rio é uêni.

Ora, o rio Bêni, tão conhecido na corografia brasileira, pelo fato de ser um dos rios raianos de nossa geografia, tem para étimo, exatamente, aquele vocábulo aruaco, levemente corrompido.

Talvez um dos étimos mais difíceis de serem reconhecidos, na toponímia brasileira, seja aquele pelo qual o rio Negro é conhecido em seu alto curso — Guaínia. Quem reconhecerá nesse vocábulo, através da corruptela Uaínia, o verdadeiro étimo aruaco do topônimo, que é, justamente — uêni?

Assim, tanto o fronteiro Bêni, como o Guaínia, apesar das modificações com que se apresentam, devem enfileirar-se, também, entre os topônimos cuja denominação já exprime, por si só, o próprio acidente geográfico, à semelhança, como já vimos, dos topônimos Paraná, Parú, Tunã, àri, Iáco.

Há, algumas vezes, porém, na toponímia da Amazônia, uma superposição da nomenclatura geográfica, sem que a ela corresponda, como iremos ver, uma diferente superposição lingüística, o que vem determinar, através dos tempos, a denominação do acidente, continuamente, por uma mesma família lingüística.

É o caso do Purús.

Outras vezes, porém, a superposição da nomenclatura geográfica corresponde, também, a uma superposição lingüística.

O rio Negro, por exemplo, cuja toponímia, derivada da coloração de suas águas, como nós já vimos, teve uma superposição toponímica correspondente a uma superposição lingüística — ele foi o Curiguacurú e o Curumã dos caribes; o luna dos tupis, segundo a

informação insuspeita de Cristóbal de Acuña; foi, ainda, o Quiári e o Guaínia dos aruacos.

Sobre ele escreveu o Barão de Marajó:

"Nem sempre este rio foi conhecido com o nome que hoje tem o seu primitivo nome foi o de Quiari e ainda no ano de 1775, em que andou neste rio o ouvidor Ribeiro de Sampaio, a parte superior de seu curso era conhecida com o nome de Uneya".

Barão de Marajó, As regiões amazônicas, 228" (87).

Topônimos que terminam em -ima ou -ma são comuns na Colômbia, Venezuela e norte do Brasil: Parima, nome de uma serra do sul da Venezuela; Pacaraima, outro nome de serra na fronteira da Venezuela com o território brasileiro de Rio Branco; Roraima, pico montanhoso bem nos limites entre a Venezuela, Brasil e a Guiana Inglesa; Barima, rio da Guiana Inglesa; Makasseema, localidade da Guiana Inglesa (cf. Nota 30) e Kassikassima, montanha da Guiana Holandesa. O falecido professor Paul Rivet se ocupou desses nomes muito detalhadamente num artigo que apareceu em 1943 (88); ele os considera como de origem Karib (89).

Se nos voltarmos agora para as regiões orientais do continente sul-americano, especialmente da região andina, teremos um grande número de elementos nominais não identificados, cuja maioria, contudo, são indubitavelmente de origem Kechua ou Aymara ou então pertencem a um estrato pré-Kechua. Isso podemos dizer de alguns nomes nas regiões este do Peru e nordeste da Bolívia — mormente de tributários dos rios Madre de Dios e Beni —: Manú (nome também de uma localidade do Equador), Caramanu, Chipamanu, Muimanu, Manuripi (provavelmente 'rio pequeno'), Tahuamanu (outro nome do Ortón), Parimanu, Tacuatimanu, etc.; o elemento manu, indubitavelmente, quer dizer 'rio' ou 'água', mas não é palavra Kechua nem tampouco Aymara (incidentalmente, as tribos de índios que habitam

(87) N.T. — Como Nils Holmer nem sempre foi muito claro e correto a respeito da etimologia das denominações potamonímicas, julgamos, de melhor alvitre, transcrever as notas de Armando Lary Cardoso (*Toponímia brasileira*, pp. 160-163) para melhor elucidação.

(88) *La influencia Karib en Colombia*, pp. 55-93 (e especialmente pp. 80-81, 83-84). De acordo com Rivet, esse sufixo é um "aumentativo" (portanto = 'grande' ou 'extenso'); o nome de Tolima, alto pico da Colômbia, poderia, por exemplo, significar 'muita neve'.

(89) N.T. — O sufixo -ima como ensina Lery-Cardoso (op. cit.) deve ser traduzido por o pai, o formador. Parima (parís, água; imã, pai das águas) Roraima (roro, papagaio), pai dos papagaios.

ou habitaram a região correspondente são os Takana, dos quais os Cavina são um ramo; supôs-se — mas, evidentemente, sem bases suficientes — terem afinidades com os Panoan ou Aruak.

Mais ao sul encontramos os elementos *villca* (ou *velica*), *roma*, *rica*, *gasta*, *lasta* — todos em geonomásticos que parecem ser do tipo Kechua: *Vilca* (rio da Bolívia e localidade do Peru), *Vilcas* (rio e cidade do Peru), *Vilcabamba* (localidades do Peru e da Bolívia), *Chumbivilcas* (nome de uma província do Peru), *Vilcas Huaman* (ou *Vilcachuamán*) antiga província do Peru; *Huancavelica*, departamento e capital departamental ao norte de Cuzco. O Kechua *wanka* significa 'bloco de pedra separado', como em *Huancabamba*, nome comum de rio, montanha ou lugar, no Peru. *Huancavelica*, contudo, para alguns autores é derivação dos vocábulos aimara *huanca villca*, que significa supostamente um 'lugar de adorar o sol', hipótese muito pouco convincente). Temos ainda *Vilcapampa* e *Vilcapata* (nomes de lugares do Peru), *Pativilca* (montanha, rio e cidade ao norte de Lima, Peru) e *Nudo de Vilcanota* (cordilheira do Peru; cf. o nome *Capinota*, cidade da Bolívia, ao sul de Cochabamba). A palavra *huillca* aparece de fato em Kechua como nome de uma espécie de 'alfarrobeira', enquanto em Aymara significaria um 'ídolo' (cf. acima). De nomes com *roma* temos *Tinguiririca* (nome de um rio e vulcão na fronteira entre Chile e Argentina e também de um pico perto de *Ollantaytambo*, em Cuzco, Peru. O vocábulo Kechua *tink'i* quer dizer 'gêmeo') e *Vilarica* (localidade no sul dos Andes chilenos; esse nome pode ter sido associado com o espanhol *Villarrica*). A terminação *-lasta* é encontrada em *Tomalasta* (pico montanhoso na província de San Luís, Argentina), enquanto que *-gasta* aparece em *Antofagasta* (importante porto de mar no norte do Chile; a primeira parte desse nome já discutimos anteriormente), *Tinogasta* (distrito e cidade na província argentina de Catamarca) e *Vichigasta* (em La Rioja, Argentina); cf. *Vichiculen*, localidade de Valparaíso, Chile, o último dos quais, provavelmente, é um nome Araucano). De origem Araucana, sem dúvida, é também *pillá* (Lázaro Flury pensa que esse elemento representa uma palavra que quer dizer 'vulcão', mas isso não é certo), como em *Melpilla* (cidade a sudeste de Santiago, Chile; cf. o nome de montanha *Melimoyu* no sul do Chile — *meli* quer dizer 'quatro' em Araucano) e *Tocopilla* (também perto de Santiago, Chile).

Numerosos nomes da região andina e da costa do Pacífico terminam em *-co* (ou *-go*): *Tumaco* (localidade costeira do sul da Colômbia; também nome de tribo, cf. acima); *Aguarico* (rio do Equador); *Huánuco* (cidade abaixo de Cerro de Pasco, no centro-norte do Peru; também é nome de tribo); *Otuzco* (cidade de mineração per-

to da costa, no norte do Peru, etc. (citamos apenas formas nas quais é mais provável que se trate de terminações especiais do que da parte final da palavra raiz. De tais terminações nas línguas ameríndias conhecemos um sufixo locativo, freqüentemente encontrado nos topônimos mexicanos: *Xochicalco*, *Xochimilco*, *Tlaltenango*, etc.; também é encontrado no arauaque e em outras línguas) ⁽⁹⁰⁾ e também um substantivo significando 'água' ou 'rio' (encontrado no Karib e no Araucano). É fora de dúvida que muitos dos nomes em *-co* do centro e sul do Chile são araucanos (*Pinco*, *Huasco*, *Rengo*, *Chanci*, etc.; cf. nos nomes de rio), mas os citados acima caem completamente fora de região araucana (contudo, eles podem muito bem ser de origem pré-Kechua).

Uma das mais importantes e interessantes terminações gerais nos topônimos da América do Sul, assim como da América do Norte, é o sufixo ameríndio *-yo*, do qual o autor deste estudo tratou — embora bastante sumariamente — em outro trabalho ⁽⁹¹⁾. Contudo, este é um elemento altamente evasivo, quando ocorre na toponímia sul-americana, já que ele é realmente encontrado como sufixo em muito poucas das línguas pelas quais estamos capacitados a interpretar os nomes em questão. Entre essas línguas, contudo, encontramos exemplos dentro dos dois importantes grupos de línguas, que, como dissemos em outro lugar, fornecem material para a grande maioria dos nomes de lugar da América do Sul. No Kechua dessas línguas temos um sufixo *-yu* (mais usualmente *-yuq*) que, aproximadamente, dá a idéia de "que tem" ou "provido de"; o Kechua *wasi -yuq* quer dizer 'que tem uma casa' ou 'proprietário de uma casa', etc. *Aracaju*, porto de mar no Estado de Sergipe, Brasil; *Piraju* e *Pirajuí*, cidade de São Paulo, Brasil (o último com um sufixo adicional, ambos com a forma *-y* 'água' 'rio' ou o diminutivo *-i*); (talvez) *Tapajoz*, o grande afluente sul do Amazonas (cf. acima; outros nomes tupi-guaranis de tribos da mesma raiz são: *Tapé*, *Tapuí*, *Tapieté*, *Tapihiya*, *Tapuya*); *Jequitinhonha*, o importante rio de Minas Gerais e da Bahia (esse nome é de origem Tupi-Guarani; *jekyty-ño* quer dizer 'saboeiros apenas' em guarani, mas a terminação pode ser a de uma língua tupi); *Maracaju*, nome de uma cadeia de montanhas na fronteira Paraguai-Brasil (a forma guarani desse nome é *Mbarakaju*, com o sentido de 'somente ou todas as cabaceiras', cf. acima, quando tratamos dos nomes de vegetação; às vezes, contudo, o sufixo *-ju* nas palavras e nomes guaranis é a palavra *ju* 'amarelo'). Ao longe da costa do Pacífico e nos Andes, encontramos os seguintes nomes:

(90) Cf. do autor, *Indian Place Names in North America*, pp. 23 e seg.

(91) Veja-se *Indian Place Names in North America*, pp. 17, 18.

Hualgayoc, localidade interiorana do norte do Peru (em quíchua wal'qayuq quer dizer 'que tem uma fita no pescoço ou colar'; cf. alguns dos nomes de montanhas da mesma região a cujo respeito falamos acima); Vilcayoc, localidade do Peru (Ancachs; talvez = 'que tem huilca ou alfarrobeiras'); Chiclayo, porto de mar também no norte do Peru; Huancayo, localidade e província a este de Lima, Peru (em quíchua wanka quer dizer uma 'grande pedra ou rocha isolada'; por isso esse nome significaria 'todas as pedras grandes', 'o lugar que tem pedras' ou algo assim).

De modo geral, observamos na toponímia sul-americana formas de nomes que aparecem em áreas relativamente distantes: Samana Key, nas Bahamas, lembra Samaná, a este de Haiti; Cumanayagua, no centro de Cuba (cf. acima) contém a mesma raiz encontrada em Cumaná, na Venezuela; Puerto del Manatí, na costa norte de Cuba, é sem dúvida o mesmo que a Manatí de Porto Rico, e Baymo, em Cuba, é o mesmo que Bayamón, de Porto Rico. Em outras palavras, temos o mesmo estado de coisas como quando encontramos o mesmo ou originalmente o mesmo — nome de ilhas na Oceania, tão distante quanto Hawaii e Savaii, a última, a maior ilha de Samoa.

BIBLIOGRAFIA

- AHLBRINCK, W. — "Encyclopaedie der Karaïben" (Verh. der Kon. Akad. van Wetenschappen, afd. Letterkunde, n.r., vol. XXVII, No. 1), Amsterdam, 1931.
- FARFAN, José M. B. — "Antroponímias indígenas" (Revista del Musco Nacional, vol. XXVII, pp. 31 sqq.), Lima, Peru, 1958.
- FLURY, Lázaro — "Güiliches" (Universidad Nacional de Córdoba, Instituto de Arqueología, Lingüística y Folklore "Dr. Pablo Cabrera," vol. VIII), Cordoba, Argentina, 1944.
- HOLMER, Nils M. — "Indian Place Names in North America" (Essays and Studies on American Language and Literature, No .VII), Upsala, Sweden, 1948.
- "Some sementic problems in Cuna and Kaggaba" (International Anthropological and Linguistic Review, vol. I: 2-3), Miami, Florida, 1953.
- "Amerindian Color Semantics" (ibid., vol. II: 3-4), Miami, Florida, 1955-1956.
- LIND, Ivan — "Varadouro, Divagações lingüísticas de um geógrafo" (Ibero-American Institute in Gothenburg), Lisboa, 1957.
- MEILLET AND COHEN — "Les langues du monde", Paris, 1924 e 1952.
- ORTIZ, Sergio Elías — "Estudios sobre lingüística aborigen de Colombia", Bogotá, 1954.
- PERÓN, Juan — "Toponímia patagónica de etimología araucana", Buenos Aires, 1950.
- REICHEL-DOLMATOFF, Gerardo — "Toponímia del Tolima y Huila" (Revista del Instituto Etnológico Nacional, vol. II, fasc. 2), Bogotá, 1946.
- RIVET, Paul — "La influencia Karib en Colombia" (Revista del Instituto Etnológico Nacional, vol. I: 1, pp. 55-93), Bogotá, 1943.
- SAMPAIO, Teodoro — "O Tupi na Geografia Nacional" (3.^a edição), Bahia, Brasil, 1928.
- STIGLICH, German — "Diccionario geográfico del Perú", Lima, 1922.
- WASSÉN, S. Henry — "Contributions to Cuna Ethnography (Esnologiska Studier, vol. 16), Göteborg, Sweden, 1949.
- "Some Archaeological Observations from Boquete" (ibid.), Göteborg, Sweden, 1949.